



70 ANOS

BURNOUT PASTORAL

UMA REVISTA PARA PASTORES E LÍDERES DE IGREJA

MINISTÉRIO

JUL - AGO • 2024

O número da besta

A missão do pastor escolar

Os perigos da teologia coaching



POR UM FIO



Milton Andrade
editor da revista
Ministério

Fadiga, isolamento, frustração, estresse, falta de motivação, perda de propósito, intenção de abandonar a organização. Esse conjunto de sintomas tem nome: Síndrome de Burnout. O termo em inglês (*burn* “queimar” e *out* “fora”) indica esgotamento físico e emocional resultante de um trabalho exaustivo que impõe muita responsabilidade e cobrança. As pessoas que têm maior propensão a esse quadro são aquelas que se envolvem demais com os problemas dos outros, são perfeccionistas e têm dificuldade para dizer “não”. Essa realidade se manifesta no ministério de muitos pastores.

O *burnout* representa um desequilíbrio entre as demandas relacionadas ao trabalho, à família e à vida pessoal. É claro que o uso do tempo está envolvido nessa equação. Segundo dados fornecidos pela *Lifeway Research*, 71% dos pastores afirmam estar de plantão 24 horas por dia, sete dias por semana (link. cpb.com.br/9428fd). Ao contrário do médico, que não se encontra disponível o tempo todo e termina seu envolvimento quando o paciente morre, o pastor se envolve demasiadamente com os doentes e continua seu ministério até com os enlutados. Muitos pastores não têm limites, “nunca desligam”, ainda mais quando estão com o celular na mão.

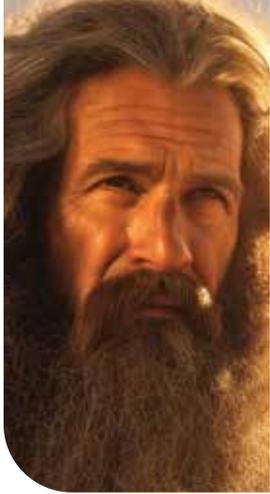
É importante notar que, antes da manifestação do *burnout*, outras síndromes costumam aparecer. A primeira é a da indispensabilidade. Muitos acham que podem fazer todas as coisas, estar em todos os lugares e resolver todos os problemas. Raciocinam assim: “Se eu não fizer isso, ninguém vai fazer.” Essa disposição de espírito é conhecida como “complexo messiânico”. Há também aqueles que se consideram “super-homens”, imaginando que nunca ficarão doentes, que não precisam expressar suas emoções e que não precisam ter tempo para si mesmos ou para a família. Isso pode levar à outra síndrome: a da “estrela decadente”, que costuma “apagar” ministros promissores. Outro engano é achar que as necessidades dos outros devem ser a prioridade da vida. O problema é que essa atitude de “abnegação” frequentemente se converte em autonegligência ou autoabuso, que promove uma “implosão” da saúde física e emocional. Como superar esses dilemas?

Os pastores precisam se espelhar no modelo de Cristo, “que gastava tempo no monte da oração, de maneira que

podia ministrar no vale das necessidades” (James Park, *Discipleship: Yesterday, Today and Tomorrow*, p. 81). Ele sabia equilibrar muito bem o ministério da presença (atender às necessidades das pessoas) e o ministério da ausência (suprir as Suas próprias necessidades pela meditação e oração). Não vale a pena tentar agradar a todos, pois isso sempre vai resultar em sobrecarga. Ao procurar satisfazer todas as expectativas humanas, os ministros acabam servindo ao mestre errado. Cristo Se submetia, invariavelmente, à vontade do Pai, não à pressão das massas.

Como está sua saúde física e emocional? Está se sentindo pressionado por todos os lados? Em que sentido seu ministério está “queimando”? Se você não subir o monte da consagração, o vale dos problemas irá consumi-lo. Além disso, você precisa de apoio: um Jônatas (amigo verdadeiro), um Barnabé (companheiro experiente), um Silas (ajuda em meio à dor), um Arão e Hur (parceiros de oração), um Jetro (conselheiro eficaz), um Marcos (utilidade e presença) e um Timóteo (força necessária). Eu oro para que apenas o fogo do Espírito Santo queime em seu ministério. De nada adianta tentar salvar os outros se sua vida está por um fio. ■

“
**Ao procurar
satisfazer todas
as expectativas
humanas,
os ministros
acabam
servindo ao
mestre errado.**”



8

Um profeta com Síndrome de Burnout

Wagner Aragão

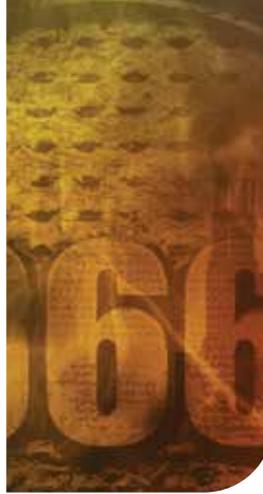
Rubenita Aragão



16

O número da besta

Marcos De Benedicto



12

Proclamando as boas-novas

Rafael Rossi

20

O pastor como conselheiro

Willian Oliveira



28

Os perigos da teologia coaching

Fabrcio Mello

24

A missão do pastor escolar

Antônio Tavela



S U M Á R I O

Editorial	2
Entrelinhas	5
Entrevista	6
Ponto a ponto	32
Dicas de leitura	34
Palavra final	35

MINISTÉRIO

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 95 – Número 574 – Jul/Ago 2024
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Milton Andrade
Revisora Rose Santos

Editor de Arte Thiago Lobo
Projeto Gráfico Fernando De Lima
Capa Adobe Stock

Ministério na Internet
www.ministeriopastoral.com.br
@revistaministerio
@revistaministerio
@MinisterioBRA
ministerio@cpb.com.br

Conselho Editorial
Lucas Alves; Josué Espinoza; Adolfo Suarez;
Marcos Blanco; Walter Steger; Eric Richter;
Pavel Goia; Jeffrey Brown; Adrián Bentancor;
Alvaro Cáceres; Claudiney Santos; Edilson Choque;
Edmundo Cevallos; Elieser Vargas; Francisco
Abdoval; Javier López; José Wilson; Juan Vargas;
Guilherme Delgado; Levino Oliveira; Luciano
Salviano; Marcelo Carvalho; Milton Mayo; Raldes
Nascimento.

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP

Diretor-Geral Uilson Garcia
Diretor Financeiro Diego Lottermann
Gerente Editorial Wellington Barbosa

Serviço de Atendimento ao Cliente
Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 102,00
Exemplar Avulso: R\$ 20,90

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sejam impressos, eletrônicos, fotográficos ou sonoros, entre outros, sem prévia autorização por escrito da editora.

5953 / 48808



“Vocês, porém, são geração eleita, reino de sacerdotes, nação santa, povo que pertence a Deus, para anunciar as grandezas Daquele que os chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz.”

1 Pedro 2:9, NVI

MKT CPB - Adobe Stock

Colporteur

Um mensageiro de fé

DIA DO COLPORTOR
3 de agosto



Escreva para a MINISTÉRIO



ministerio@cpb.com.br

Aa I

Utilize fonte
Arial, tamanho
12, espaço 1,5

¹Ranko Stefanovic, *Plain Revelation* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2013), p. 46.

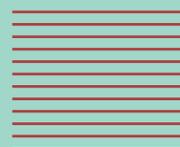
Insira **notas** de fim de texto



Use a versão bíblica **NAA**



Envie uma foto pessoal em alta resolução



Escreva textos de **8 mil** até **12 mil** caracteres com espaços

Temáticas

- Teologia
- Missão
- Pregação
- Espiritualidade
- Saúde
- Administração
- Liturgia
- História da igreja



Lucas Alves
secretário ministerial
para a Igreja Adventista
na América do Sul

APRENDIZADO CONTÍNUO

A vida é repleta de possibilidades. Temos um potencial imenso que precisa ser explorado constantemente. Podemos ir muito mais além do que imaginamos; para isso, nossa mente deve ser educada e nunca, jamais, render-se ao comodismo, à obsolescência e à irrelevância. Sempre devemos considerar que “o verdadeiro ministro de Cristo deve melhorar constantemente” (*Review and Herald*, 6 de abril de 1886). Mesmo que você seja um pastor experiente ou esteja próximo da jubilação, você “nunca deve pensar que aprendeu o suficiente e que agora pode relaxar seus esforços. Sua educação deve continuar por toda a vida. Todos os dias [você] deve aprender e aplicar o conhecimento adquirido” (*Obreiros Evangélicos* [CPB, 2024], p. 71).

Em seu livro *Lifelong Learners: O Poder do Aprendizado Contínuo*, Conrado Schlochauer afirma que precisamos ser “aprendizes autônomo, confiantes e apaixonados” (p. 22) e que a educação não está limitada ao início da vida nem a aspectos formais. Isso significa que, como pastores, devemos continuar aprendendo se quisermos influenciar a igreja e o mundo em que vivemos. Quem quer crescer nunca pode deixar de aprender; quando aprendemos constantemente, servimos com mais qualidade, e isso se reflete no púlpito, nos treinamentos, nos aconselhamentos, na mobilização da igreja e no alcance de diferentes classes para Cristo.

A aprendizagem na vida do pastor é essencial e sempre deve ter resultados práticos em seu ministério. Mas é necessário organizar o tempo e definir em que áreas focar a aprendizagem, especialmente nas relacionadas ao trabalho, e como estabelecer uma rotina para alcançar esses propósitos. Para que se tornem bons aprendizes e retenham o conhecimento, os pastores devem cultivar bons hábitos. Brian Tracy escreveu: “Para criar os hábitos do foco e da concentração, você precisa internalizar três qualidades fundamentais: decisão, disciplina e determinação” (*Comece Pelo Mais Difícil*, p. 1). Em sua rotina, tente

responder a estas perguntas: Em que áreas vou investir nos próximos meses? Como vou adquirir mais conhecimento? Quantas horas vou dedicar à leitura por dia? Como irei compartilhar o conhecimento adquirido?

Você pode sonhar com uma pós-graduação, mestrado ou doutorado, mas se isso não for possível no momento, avance procurando outros meios para seu desenvolvimento.

Talvez você esteja próximo de sua jubilação ou já esteja jubilado, mas lembre-se de que não há idade nem limites para seu crescimento. Considere este pensamento de Ellen White sobre o desenvolvimento pastoral: “O sol da tarde de sua vida pode ser mais intenso e produtivo do que o sol da manhã. Pode continuar a aumentar em tamanho e esplendor até se pôr atrás das montanhas ocidentais. Irmãos no ministério: é melhor, muito melhor morrer devido ao trabalho árduo em algum campo local ou estrangeiro, do que se enferrujar devido à inatividade. Não desanimem com as dificuldades; não fiquem contentes em se acomodar e parar de estudar e melhorar” (*Ministério Pastoral* [CPB, 2023], p. 45). ■



Para que se tornem bons aprendizes e retenham o conhecimento, os pastores devem cultivar bons hábitos.





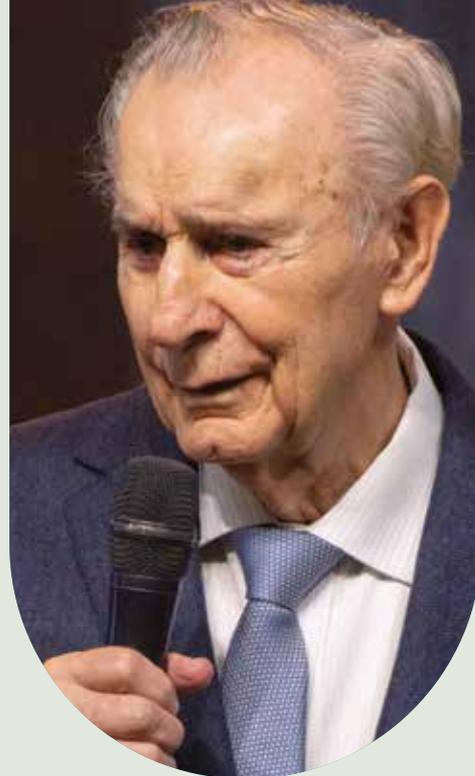
CUIDANDO DE QUEM CUIDA

O termo *burnout* foi introduzido pelo psicólogo americano Herbert Freudenberger em 1973 para descrever os efeitos do abuso de drogas. Ele também aplicou a expressão ao estado psicológico dos voluntários envolvidos na reabilitação dos usuários, notando que eles sofriam mais do que os próprios pacientes. Assim, a Síndrome de Burnout foi inicialmente associada a profissionais que lidam diretamente com outras pessoas, especialmente em atividades assistenciais.

Para discutir esse assunto, convidamos o psicólogo Belisário Marques, doutor em Psicologia Clínica. Natural de Carmo do Cajuru, Minas Gerais, ele é graduado em Educação Física, Filosofia e Psicologia, pós-graduado em Psicologia Educacional e doutor em Psicologia pela Universidade de Maryland, nos Estados Unidos. Atuou como professor na Universidade Metodista, na Unicamp e no Unasp-SP, onde contribuiu para a criação das faculdades de Educação e Psicologia. Foi colaborador da seção Autoestima na revista *Vida e Saúde* por mais de 20 anos. Em 2019, lançou o livro *A Vida é uma Arte*, pela CPB. É casado com a advogada Geny Daré Marques.

Como lidar com a pressão emocional na rotina de trabalho?

Não há vida sem tensão. O problema é a intensidade que ela alcança. O trabalho, qualquer que seja, cria tensão porque há desgaste, esforço e dispêndio de energia. Há tarefas a ser feitas, obrigações a ser cumpridas – essa é a realidade que não podemos evitar. Ao assumirmos um trabalho, vendemos nosso tempo para a organização que nos contratou. É um contrato, uma aliança de obrigações. Quanto melhor as partes cumprirem seus deveres, menos tensão será criada e mais agradável se tornará o ambiente de trabalho. Para lidar com a pressão emocional, é necessário conhecer nossas emoções e respeitá-las, especialmente as negativas, como raiva, medo, tristeza, culpa, inveja, ciúmes e orgulho. Não provocá-las, não procrastinar e cumprir a tarefa contratada, sempre com muita honestidade, autenticidade e respeitando os limites, são



passos fundamentais para lidar com a pressão em nossa rotina de trabalho.

Como os pastores podem aconselhar os membros em dificuldade sem serem afetados por seus problemas?

Vou dar algumas dicas: (1) aprender a ouvir mais do que falar, a fim de entendê-los melhor; (2) não projetar os próprios problemas nos membros; (3) não pregar para uma congregação buscando atingir uma pessoa ou família; (4) falar apenas sobre o que se tem conhecimento; (5) não fazer escolhas vitais pelas pessoas;

“Para lidar com a pressão emocional, é necessário conhecer nossas emoções e respeitá-las, especialmente as negativas.”

(6) respeitar as opiniões opostas às suas, reconhecendo que, mesmo sendo pastor, você não é o dono da verdade; (7) ter boa noção do que é respeito moral; (8) ter clareza sobre os próprios problemas e fraquezas para controlá-los; (9) cuidar da própria vida e permitir o mesmo para os outros; (10) assumir aquilo em que se acredita, protegendo-se de apenas desempenhar um papel; (11) praticar aquilo em que se acredita, baseando-se em fatos e na Bíblia.

Muitas pessoas têm adoecido devido ao uso excessivo de celular. Existe uma saída para isso?

A pessoa não adoecce devido ao uso do celular; ela já está adoecida, por isso se vicia no celular. Geralmente, a pessoa utiliza o celular porque não tem coisa mais importante para fazer com o seu tempo. Há um vazio na vida, uma falta do que produzir, e o celular é uma fonte fácil para “viajar” na utopia e fantasia. A solução é descobrir esse vazio e procurar formas alternativas de preencher o tempo. Exercitar o autocontrole, o domínio próprio e usar a autodisciplina, sobretudo querer mudar, são excelentes atitudes. Além disso, é necessário interessar-se por algo mais produtivo e satisfatório. Não é fácil, mas a resposta é simples: minha vontade, meu conhecimento e meu desejo não mudam ninguém. A pessoa só muda se quiser. Às vezes, é claro, precisará de ajuda profissional.

Algumas pessoas veem os pastores como “super-heróis” espirituais. Como essa visão afeta o ministério?

Às vezes, a pessoa cria nos outros uma impressão de superioridade, perfeição, sabedoria e santidade, geralmente motivada por um sentimento oposto ao que demonstra. Como o pastor é um formador de opinião, a imagem que ele transmite de si é aceita. Essa imagem de superioridade, motivada pela insegurança, cria um conflito moral e emocional que o faz sofrer. Seria

“A pessoa não adoecce devido ao uso do celular; ela já está adoecida, por isso se vicia no celular.”

mais saudável se ele fosse verdadeiro, realista e honesto consigo mesmo. Esse conflito impede a humildade necessária para se colocar na posição de ajuda. Em vez de ser empático com o necessitado e o carente, ele os diminui. Em vez de refletir a imagem de Deus para o membro, ele reflete a si mesmo. Sabe, cuidar de seres humanos exige um pouco de altruísmo.

Que práticas de autocuidado os ministros podem ter na rotina diária para promover o bem-estar emocional?

Cuide mais do óbvio na prática diária da vida. Não transforme o chamado em uma mera profissão, nem a organização em uma empresa secular. Se o chamado ao ministério é uma missão e você o aceitou, mantenha fidelidade à promessa feita. Essa fidelidade garante a aprovação da consciência; e uma consciência em paz significa um estado emocional tranquilo. Portanto, cuide diariamente da parte espiritual em primeiro lugar. Procure crescer cada dia em autoconhecimento e compreensão do outro para estabelecer relações saudáveis. Respeite os princípios morais e emocionais em cada interação humana, individual ou coletiva. Discipline-se para manter o equilíbrio e os limites construtivos e funcionais. Invista na saúde do seu corpo e da sua mente. Mantenha a esperança. Busque os alvos de sua vida. Jamais tire os olhos da esperança, porque ela é sua meta.

Quais recursos estão disponíveis para pastores que estão enfrentando depressão, Burnout ou ansiedade e precisam de assistência profissional?

Buscar um novo coração; aceitar os erros; administrar os sentimentos; conviver com os pensamentos; ter um amigo de confiança e escolher com clareza as palavras e ações. Se não der conta dos problemas e sentimentos negativos, buscar um profissional competente, experiente e recomendado pessoalmente. Pode ser um psicólogo ou um psiquiatra. O psicólogo lida mais com o comportamento, pensamento e emoções, enquanto o psiquiatra, como médico, tem atribuição legal para administrar medicamentos. E o principal: se Deus é a sua esperança, confie Nele e acredite no que diz o Salmo 71:20: “Tu, que me tens feito ver muitas angústias e males, me restaurarás ainda a vida e de novo me tirarás dos abismos da terra.” Leia as questões; medite nas respostas e leve a sério sua condição existencial. Sucesso! ■



Wagner Aragão
pastor em Brasília, DF



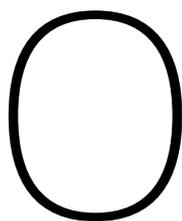
Rubenita Aragão
psicóloga clínica



UM PROFETA COM SÍNDROME DE **BURNOUT**

Como prevenir o
esgotamento no
ministério





ministério pastoral é uma experiência incrivelmente gratificante, mas pode ser profundamente desafiadora e exaustiva. Muitos ministros do Senhor estão lutando contra o esgotamento pastoral em níveis históricos. Segundo uma pesquisa feita pelo Instituto Barna, 42% dos pastores já consideraram a possibilidade de deixar o ministério devido ao esgotamento e à solidão: 56% deles relataram experimentar um estresse imenso no trabalho, enquanto 43% se sentem solitários e isolados. Além disso, 29% disseram que pensam em largar o ministério por não estarem otimistas quanto ao futuro de sua igreja, e 24% afirmaram que sua congregação está em declínio constante.¹

A Organização Mundial da Saúde calcula que cerca de 90% da população mundial sofre de estresse cotidiano e, a longo prazo, a recorrência pode gerar ansiedade, depressão e burnout.² Esta é uma tendência cada vez mais forte que não podemos ignorar. Sintomas que incluem isolamento mais do que o normal, oscilações emocionais frequentes, sobrecarga, ansiedade, ter a sensação de estar sempre fazendo tudo sozinho, trabalhar mais horas do que o habitual, negligenciar o autocuidado e não dedicar tempo à autorreflexão e à saúde mental são indicadores de que o pastor pode estar sofrendo de exaustão causada pelo trabalho.

No tempo dos profetas do Antigo Testamento, a Síndrome de Burnout já se manifestava em alguns deles, embora não fosse identificada por esse nome. Assim como ocorre com os pastores hoje, o ministério dos antigos profetas era uma obra exaustiva em muitos aspectos, e alguns atingiam um nível elevado de esgotamento físico, mental e emocional. Elias foi um desses profetas.

Um homem semelhante a nós

A Síndrome de Burnout pode abater o mais forte, consagrado e corajoso homem de Deus que está na linha de frente do ministério pastoral. Elias era um grande homem de Deus (1Rs 17:24), corajoso (18:8, 18), consagrado (18:42-46) e homem de oração (Tg 5:18). Uma de suas mais extraordinárias vitórias foi contra os profetas de Baal e de Astarote, no Monte Carmelo (1Rs 18:20-40). No entanto, Tiago não deixou de enfatizar que ele “era homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos” (Tg 5:17). E se ele era como nós, então há algo em sua experiência que pode nos instruir e alertar. Por isso, destacamos quatro verdades que a experiência do profeta Elias nos revela (1Rs 18-19):

1. *O pastor não pode zelar por sua vida espiritual e ignorar o cuidado com o corpo e a mente.* Elias tinha um relacionamento próximo com Deus, algo evidenciado nas Escrituras. No entanto, talvez ele precisasse de uma dieta mais equilibrada, rica em nutrientes, para reduzir os níveis de estresse, ansiedade e depressão associados à Síndrome de Burnout. Ou talvez precisasse de um sono melhor para adquirir uma consistência emocional capaz de enfrentar os grandes desafios sem se abalar.

Pastores costumam ser zelosos com a espiritualidade, mas negligentes com a saúde física e emocional. Na maioria das vezes, o esgotamento que um pastor experimenta não está diretamente relacionado às suas atividades espirituais no ministério, mas sim à sua própria saúde debilitada devido à intemperança e à negligência dos princípios de saúde que conhecemos.

A alimentação, o sono e o exercício físico são fatores que, quando negligenciados, enfraquecem a mente e as emoções. Ellen White advertiu: “A ignorância da fisiologia e o descuido em observar as leis de saúde têm levado para a sepultura muitos que poderiam ter vivido para trabalhar e estudar inteligentemente.”³

Uma boa dica é: inclua em sua rotina ministerial pausas para o descanso. O sono ajuda a recarregar as energias físicas, além de preparar o cérebro para processar melhor as experiências do dia a dia e tomar as decisões certas. Está cientificamente comprovado que boas horas de sono também ajudam a prevenir a depressão.⁴

2. *Agir sozinho é uma forma errada do pastor trabalhar e pode levar à Síndrome de Burnout.* A batalha que Elias travou no Carmelo exigiu muitas tarefas, e ele realizou quase tudo sozinho: o discurso eloquente, a reconstrução do altar do Senhor, carregar a lenha, imolar e dividir em pedaços o novilho e a execução do julgamento de Deus contra os falsos profetas em Israel. Em outro momento, Elias cometeu dois erros que contribuíram para sua espiral descendente. Primeiro, ele deixou seu servo para trás. Durante as horas sombrias na caverna, ninguém estava com ele para animá-lo ou oferecer uma perspectiva útil. Mas um problema ainda pior foi ter se afastado dos israelitas tementes a Deus que poderiam ter sido seus aliados: os “sete mil, todos os joelhos que não se dobraram a Baal” (1Rs 19:18).

Em uma missão desafiadora, é arriscado agir sozinho. Isso pode levar a uma visão egoísta de que tudo depende de você, levando-o a assumir todas as tarefas sozinho,

acreditando que ninguém pode desempenhá-las tão bem quanto você. Essa mentalidade inevitavelmente leva ao esgotamento e à depressão. Para se libertar desse fardo esmagador, é necessário diminuir o ritmo, confiar em Deus e reconhecer que precisa se unir a outros para concluir a missão designada.

3. *O autocuidado é uma ação necessária para o pastor prevenir a Síndrome de Burnout.* O exemplo do profeta Elias nos alerta que, se não cuidarmos, podemos sucumbir ao esgotamento pastoral. No Monte Carmelo, ele ficou tão envolvido com o trabalho que não separou tempo para se alimentar, o que resultou em debilidade física.⁵ Como consequência, ficou emocionalmente abalado ao lidar com situações estressantes, como as ameaças de Jezabel.

Não fomos concebidos para permanecer em estado de luta ou fuga por longos períodos. Por isso, quando níveis agudos de estresse se tornam crônicos, nosso corpo e mente são afetados de várias formas negativas. Quando estamos sob forte estresse, os hormônios que produzimos (adrenalina, cortisol e noradrenalina) desgastam nosso corpo, comprometendo o sistema imunológico, elevando a pressão arterial e causando uma variedade de sintomas, que podem incluir dores de cabeça, indigestão, fadiga e até doenças cardíacas. O estresse crônico está associado ao aumento da ansiedade, ataques de pânico e esgotamento – um fenômeno complexo no qual nossa capacidade de pensar de forma racional ou clara é limitada, nossas emoções se tornam estranhamente frágeis e voláteis, e os menores acontecimentos podem nos sobrecarregar e causar sérios problemas.⁶

Ao contrário do que muitos pensam, o estresse não é um sentimento ou um mau hábito mental que pode ser facilmente eliminado ou modificado. As pessoas que sofrem de estresse crônico precisam tomar medidas adequadas para enfrentar seus efeitos, tanto a nível biológico quanto psicológico. Nesse contexto, o autocuidado é uma ação necessária como prevenção, e isso também se aplica aos pastores.

É essencial que o pastor assuma um compromisso com o autocuidado, pois, para atender às necessidades de seu rebanho, ele deve primeiro garantir que suas próprias necessidades estejam sendo atendidas. Com isso em mente, desenvolvemos um plano em cinco passos que pode ajudar o pastor na prevenção da Síndrome de Burnout:

- Programar o autocuidado: Faça um planejamento pessoal, reservando um horário (diário ou semanal) para realizar atividades que contribuam para a saúde física e mental.

- Saúde preventiva: Muitas pessoas levam uma vida agitada, com má alimentação, hábitos prejudiciais e excesso de trabalho, o que contribui para o aumento das doenças. Portanto, cuide melhor da sua saúde, priorizando medidas preventivas. Os oito remédios naturais têm esse propósito e devem fazer parte do seu estilo de vida. Caso perceba sinais de esgotamento físico ou mental, é importante tomar precauções. Quem suspeita estar com Síndrome de Burnout, deve primeiro buscar orientação de um médico para obter um diagnóstico preciso. Em segundo lugar, aceite o tratamento adequado, pois iniciar o tratamento dos sintomas o mais cedo

“

Pastores costumam ser zelosos com a espiritualidade, mas negligentes com a saúde física e emocional.

”



possível reduz o risco de atingir o ápice da Síndrome de Burnout.

- **Relacionamentos saudáveis:** Observe as pessoas ao seu redor. Elas o encorajam? Oferecem apoio? Demonstram preocupação com você? Valorizam também o autocuidado? As pessoas com quem convivemos têm grande influência sobre nós, portanto, devemos escolher nossas amigas com sabedoria. Nutrir o relacionamento familiar também é importante.

- **Menos contato com as telas:** Dê um tempo para os dispositivos eletrônicos. Guarde o smartphone, o tablet e o laptop. Saia do ambiente fechado e vá para fora. Olhe para o céu. Ouça os pássaros. Caminhe em meio à natureza. Leia um livro. Cuide da horta ou do jardim. Passar muito tempo diante das telas “suga” nossa energia vital e desperdiça um tempo precioso que poderia ser usado para relaxar ou reduzir o estresse.

- **Hábitos saudáveis:** Os hábitos são formados pela repetição. Escolha ações que você possa realizar semanalmente para cuidar de si mesmo e persista em repeti-las. Se você aceitar o fato de que o autocuidado é absolutamente essencial, ele naturalmente se tornará parte de sua rotina diária, e você terá dado os passos mais importantes para prevenir a Síndrome de Burnout.

4. *A Síndrome de Burnout não é o fim da linha.* No comentário da Bíblia de Estudos NVI está registrado que “Elias concluiu que seu trabalho era infrutífero e, conseqüentemente, que não valia a pena viver. Ele havia perdido a confiança no triunfo do reino de Deus e estava se retirando da arena do conflito”.⁷ Que quadro mais dramático ver o homem de Deus, que havia sido elevado ao topo do monte, agora sofrendo em seu mais profundo vale de frustração, medo e desapontamento! Mas todo esse drama não significou o fim do ministério de Elias.

Um dos aspectos que caracterizam a Síndrome de Burnout é a sensação de falta de saída, a incapacidade de visualizar como as coisas poderiam ser diferentes. Isso ocorre porque a parte do cérebro responsável por resolver problemas e imaginar novos cenários é negativamente afetada pela exaustão crônica e pelo esgotamento. É como ficar off-line. Quando você está esgotado, torna-se difícil encontrar uma solução criativa para superar o que está sentindo.

Existem pelo menos três estratégias para ajudar o pastor a lidar com a exaustão ministerial:

- **Tire uma folga.** No auge da crise de Elias, Deus lhe deu um período de descanso no qual ele pôde se recuperar

física e emocionalmente (1Rs 19:6-8). Ellen White aconselhou: “Você deve trabalhar com cautela e observar os períodos de descanso. Assim procedendo, manterá seu vigor físico e mental e tornará seu trabalho muito mais eficiente.”⁸

- **Compartilhe seus sentimentos com honestidade.** Quando estava na caverna, Deus perguntou a Elias o que ele estava fazendo ali, e o profeta foi sincero em sua resposta. Portanto, busque um psicólogo, converse sobre suas lutas e seja sincero ao expressar seus sentimentos. Na terapia, os psicólogos têm o compromisso ético e profissional de ouvir seus pacientes. Você poderá desabafar sobre seus sentimentos negativos, e o terapeuta o ajudará a superá-los.

- **Tenha a perspectiva certa sobre o ministério.** Elias acreditava que havia falhado, que Deus o havia abandonado e que não havia mais esperança. Por causa do esgotamento, nossa visão de Deus, de nós mesmos e do ministério também pode estar distorcida. Precisamos, portanto, da perspectiva certa. “Esperança e coragem são essenciais ao perfeito serviço a Deus. Esses são frutos da fé. O desânimo é pecaminoso e insensato. Deus pode e quer conceder aos Seus servos ‘mais abundantemente’ (Hb 6:17, ARC) a força de que necessitam para a tentação e a prova.”⁹

Querido pastor, você não precisa ficar na “caverna escura” do Burnout ou no vale da exaustão ministerial. Você pode acreditar nas promessas de Deus, confiar nos recursos que Ele coloca à sua disposição e, em vez de carregar todo o fardo sobre seus próprios ombros, pare um pouco e ouça o sussurro gentil da voz do Senhor em meio às ocupações da vida, dizendo: “Venham a Mim todos vocês que estão cansados e sobrecarregados, e Eu os aliviarei. Tomem sobre vocês o Meu jugo e aprendam de Mim, porque sou manso e humilde de coração; e vocês acharão descanso para a sua alma. Porque o Meu jugo é suave, e o Meu fardo é leve” (Mt 11:28-30). ■

Referências

- 1 “Pastores Compartilham os Principais Motivos Pelos Quais Consideraram Abandonar o Ministério no Ano Passado”, *Barna*, disponível em <link.cpb.com.br/c99eb2>, acesso em 15/4/2024.
- 2 “Quatro Sinais Sutis de que Você Está Prestes a ter um Burnout”, *Metrópoles*, disponível em <link.cpb.com.br/71e3dd>, acesso em 15/4/2024.
- 3 Ellen G. White, *Ministério Pastoral* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2023), p. 74.
- 4 James Gangwisch, “More Sleep May Reduce Depression in Teenagers”, *Columbia*, disponível em <link.cpb.com.br/ec7057>, acesso em 15/4/2024.
- 5 Ellen G. White, *Profetas e Reis* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 93.
- 6 Howard E. LeWine, “Understanding the Stress Response”, *Harvard Health Publishing*, disponível em <link.cpb.com.br/4c6212>, acesso em 15/4/2024.
- 7 Kenneth L. Barker, *Bíblia de Estudo NVI* (São Paulo: Vida, 2015), p. 278.
- 8 White, *Ministério Pastoral*, p. 70.
- 9 White, *Profetas e Reis*, p. 95.



Rafael Rossi
evangelista da Igreja Adventista
para a América do Sul



PROCLAMANDO AS BOAS-NOVAS

Reavivando a paixão pelo
evangelismo público

Desde os primórdios do cristianismo, o evangelismo público tem sido uma ferramenta fundamental na disseminação da mensagem do evangelho e no crescimento da igreja. Essa estratégia, com base na pregação aberta e acessível das boas-novas de Jesus, desempenhou um papel central na missão de alcançar e transformar vidas, e os frutos seguem sendo colhidos.

Na história da Igreja Adventista do Sétimo Dia, o evangelismo público não apenas atraiu novos crentes, mas também expressou de forma real a missão de proclamar as verdades bíblicas em todo o mundo. Desde o início, os pioneiros enfatizaram a importância de levar a mensagem do advento ao público em geral. Essa abordagem dinâmica ajudou a estabelecer e fortalecer as raízes da Igreja Adventista, moldando sua identidade e orientando seu compromisso com a missão evangelística.

Bases e princípios do evangelismo público

De acordo com John Stott, evangelismo é a propagação do evangelho, e esse fato nos dá condições para definir o que o evangelismo não é.¹ Compreender o evangelismo requer uma visão mais abrangente do que simplesmente considerar aqueles que ainda não aceitaram Jesus como Senhor e

Salvador. A mensagem das boas-novas não é exclusiva para os não batizados, mas também para os batizados. A essência do evangelismo reside na contínua edificação da fé, tanto daqueles que estão sendo alcançados pela primeira vez quanto daqueles que já fazem parte da comunidade de fé.

O evangelismo também não pode ser definido pelos resultados. O uso da expressão “evangelizar” no Novo Testamento não significa necessariamente que as pessoas foram batizadas, mas sim que tiveram contato com a mensagem de Cristo.

Em um sentido mais amplo, o evangelismo também não pode ser definido em termos de métodos. Fazer evangelismo não depende da metodologia que foi usada, mas é o anunciar das boas-novas por quaisquer meios e de acordo com as oportunidades. Essa responsabilidade não pode e nem deve ser delegada a outros, porque cabe a cada um dos cristãos compartilhar sua experiência pessoal.

Centralidade da missão e desafios atuais

Para Mark Dever, de acordo com os princípios bíblicos, a prática da evangelização cristã é a tarefa mais importante da igreja.² Todos os cristãos devem estar envolvidos na missão: ouvir as pessoas, conhecer suas necessidades e abordá-las com compaixão e respeito. Não se deve desistir

do evangelismo, mesmo quando se enfrenta oposição ou resistência. Uma nova abordagem e uma nova estratégia devem ser desenvolvidas para se adequarem à situação e às necessidades.

A ordem de Jesus, segundo MacArthur, enfatiza a importância do evangelismo público para a salvação das pessoas.³ O autor defende que o evangelismo é uma responsabilidade de todos os cristãos e não apenas de alguns líderes ou pastores. Evangelismo é uma forma de compartilhar a mensagem de amor de Cristo com os outros, para que estes possam ser salvos. Assim, enfatiza a importância de ser sensível à cultura e ao contexto em que se está evangelizando para ser respeitoso com as pessoas. O evangelismo não é uma forma de intolerância ou de imposição de crença aos outros, mas sim uma forma de amor e de compartilhar a mensagem de salvação.

Joseph Kidder ressalta que o evangelismo não deve ser encarado apenas como um programa, mas sim como um estilo de vida que permeia todas as esferas da vida do cristão.⁴ No entanto, o autor aponta uma série de desafios que precisam ser superados nesse contexto. Uma das questões é que o evangelismo público não tem sido tão eficiente como no passado. Mudanças sociais, culturais e tecnológicas têm impactado a forma como as pessoas recebem e respondem à mensagem do evangelho. Além disso, a maioria dos membros da igreja não está envolvida de forma significativa com o evangelismo relacional, ou seja, em estabelecer relacionamentos pessoais com não crentes para compartilhar sua fé de maneira contextualizada e relevante.

Liderança preparada

Outro desafio é a falta de uma estratégia abrangente de evangelismo nas igrejas locais. Muitas vezes, as ações evangelísticas são pontuais e desarticuladas, não contando com um plano estruturado e integrado para alcançar diferentes públicos.

Diante dessa realidade, a capacitação de líderes para o evangelismo público se torna uma estratégia fundamental para a mudança desse

cenário. Os pastores, por exemplo, desempenham um papel crucial na orientação das igrejas, sendo responsáveis por inspirar, equipar e mobilizar os membros a se engajarem no evangelismo público de maneira eficaz e coerente com os desafios e oportunidades do tempo presente.

Investir na capacitação em evangelismo público é essencial para que os líderes locais estejam preparados para enfrentar os desafios atuais, compreender as mudanças da sociedade e desenvolver estratégias relevantes e eficazes. Dessa forma, eles poderão liderar as igrejas na promoção de um evangelismo público dinâmico, que abrace o estilo de vida missionário e alcance as pessoas de maneira impactante, contextualizada e transformadora.

Além disso, durante a Comissão Diretiva Plenária de 2024 da Divisão Sul-Americana, foi aprovado estabelecer uma escola de evangelismo voltada para o ancionato. O objetivo é incentivar cada participante a assumir a liderança e o papel de pregador em campanhas de evangelismo dentro de suas comunidades locais. O programa oferece todo o suporte necessário, incluindo textos, apresentações e recursos adicionais, a fim de capacitar os pastores a preparar seus líderes locais de forma eficaz.

Evangelização contínua

Ellen White destaca que todo verdadeiro discípulo é, por natureza, um evangelista, pois “nasce no reino de Deus como missionário”.⁵ Essa convicção transcende a mera manifestação de um dom espiritual isolado. O discípulo, independentemente da metodologia empregada, abrange o envolvimento com pessoas, o treinamento, a capacitação e a preparação delas para compartilhar o evangelho aos outros. Esse ciclo se renova ao longo da vida do seguidor de Jesus, tornando-se uma parte intrínseca e vital de sua jornada espiritual. É nesse contexto que resalto o propósito central das escolas de evangelismo: tornar cada adventista um evangelista.

É importante estabelecer no planejamento da igreja as datas para o encerramento dos ciclos de colheita, sempre com um evento evangelístico marcante. Antes mesmo do primeiro sermão ser proferido em uma campanha, uma série de eventos e atividades preparatórias se desenrola. A vida cotidiana da igreja desempenha um papel fundamental na preparação contínua para os ciclos de evangelismo, que devem ser incorporados regularmente ao calendário da congregação.

Igrejas acolhedoras

Ao analisar a dinâmica da igreja e a forma como ela se relaciona com a comunidade, é possível identificar os fatores que influenciam a permanência das pessoas e sua participação ativa na congregação. Isso envolve a criação de um ambiente acolhedor, o cultivo de relacionamentos genuínos e o desenvolvimento de programas e ministérios relevantes.

Compreender as necessidades, aspirações e desafios das pessoas ao redor é essencial para nutrir a motivação de retorno à igreja. Isso requer empatia, sensibilidade e um compromisso genuíno em oferecer suporte espiritual e prático às pessoas em sua jornada de fé. Além disso, reconhecer que o evangelismo vai

além dos eventos pontuais e se estende para a vida cotidiana da igreja aponta para uma abordagem integral. Isso significa que o discipulado e a evangelização não devem ser vistos como atividades isoladas, mas como um estilo de vida permeado pelo amor, compaixão e serviço ao próximo.

Uma pesquisa conduzida por Robert Bast forneceu informações valiosas sobre a atratividade missionária de uma congregação.⁶ Segundo os dados obtidos, o calor humano e a amizade presentes na congregação são fatores determinantes para que as pessoas retornem a um culto em uma igreja. Os visitantes não buscam apenas transformação ou atenção pública, mas valorizam o cuidado pessoal recebido dos membros da comunidade. Essa atenção individualizada é essencial para cultivar relacionamentos significativos e promover um ambiente acolhedor e familiar.

Outro fator de grande importância é o estilo do culto e do louvor oferecidos pela igreja. Os visitantes consideram a forma de adoração um elemento decisivo para seu retorno. Um culto envolvente, inspirador e relevante é capaz de cativar a atenção das pessoas e despertar seu desejo de participar ativamente da vida da congregação.

Por fim, a estrutura física do prédio da igreja também desempenha um papel relevante. Questões como acessibilidade, instalações sanitárias adequadas e sinalização clara são aspectos que merecem atenção. Um ambiente bem cuidado e preparado para receber os visitantes demonstra o cuidado da igreja em oferecer uma experiência positiva desde o primeiro contato.

Amizade e evangelismo: uma abordagem eficiente

Uma outra forma de evangelismo eficiente e que acompanha as campanhas de evangelismo público é o evangelismo da amizade. Essa é uma das maneiras mais simples e eficientes de cumprir a missão. Para Joseph Aldrich, as pessoas ouvirão a mensagem de boas-novas se os cristãos, antes, demonstrarem amor.⁷ A transformação operada pelo Espírito Santo gerará edificação, que é colocar todas as implicações do evangelho em cada área de vida. Uma vez que ocorre a edificação, o evangelista se torna cada vez mais semelhante a Cristo e começa a expressar o amor às pessoas que estão à sua volta. Sendo assim, o evangelismo da amizade reforça que uma vida consagrada é um atrativo poderoso para despertar interesse no outro e abrir caminhos para decisões espirituais mais profundas.

Ricardo Norton reforça a importância de aproximar-se das pessoas para apresentar as boas-novas do evangelho, o que ele chama de “princípio da atração”.⁸ Para alcançar uma sociedade pós-moderna, o autor defende que é necessário atrair as pessoas usando a analogia de um ímã. Quanto mais próximo do ímã, maior será o magnetismo. Sendo assim, a igreja deve estar perto das pessoas, entendendo e conhecendo a realidade delas, para desenvolver uma membresia magnética, pregações magnéticas, programas magnéticos e edifícios magnéticos.

Os resultados da pesquisa de Schwarz, baseados em mais de 1.600 cristãos da Alemanha, Áustria e Suíça, destacam a influência predominante de amigos e parentes (76%) e, em segundo lugar, do trabalho pastoral (22%) no processo de conversão e decisão de se unir à igreja.⁹ Esses dados reforçam a

importância das relações interpessoais e da liderança religiosa na formação da fé. Nesse contexto, as campanhas de evangelismo, combinadas com o engajamento pessoal e o suporte da igreja, tornam-se estratégias muito importantes.

Conclusão

O evangelismo público continua sendo uma peça fundamental no cenário contemporâneo da missão da igreja. Desde os primeiros passos do cristianismo até os dias atuais, sua importância tem sido inegável, não apenas como meio de crescimento da comunidade de fé, mas também como preparação espiritual para a breve volta de Jesus.

A história da Igreja Adventista destaca a relevância do evangelismo público na formação e no crescimento da igreja. No entanto, enfrentamos desafios significativos, desde mudanças sociais e culturais até a falta de uma estratégia abrangente de evangelismo nas igrejas locais. Para superar esses obstáculos, é necessário investir na capacitação de líderes e membros da igreja, incentivando uma abordagem integrada que combine o evangelismo público com o evangelismo da amizade e o discipulado. Essa abordagem ampla reflete o exemplo de Jesus, que também priorizou o relacionamento individual na propagação das boas-novas.

Nesse sentido, é necessário um compromisso renovado com a missão de alcançar o mundo com a mensagem do evangelho. Cada membro da igreja é chamado a ser um evangelista, não apenas por meio de palavras, mas principalmente por meio de uma vida transformada pelo amor de Cristo. ■

Referências

- 1 John Stott, *A Missão Cristã no Mundo Moderno* (Viçosa, MG: Ultimato, 2010).
- 2 Mark Dever, *A Arte de Evangelizar* (São José dos Campos, SP: Fiel, 2015).
- 3 John MacArthur, *O Poder do Evangelismo* (São José dos Campos, SP: Fiel, 2014).
- 4 Joseph Kidder, *Igreja Viva* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021).
- 5 Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 146.
- 6 Robert Bast, *Attracting New Members* (Nova York, NY: Reformed Church in America, 1988).
- 7 Joseph Aldrich, *Amizade: A Chave para Evangelização* (São Paulo: Vida Nova, 1987).
- 8 Ricardo Norton, *Cómo Alcanzar al Mundo Hoy* (Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 2010).
- 9 Christian A. Schwarz, *Evangelização Básica* (Curitiba, PR: Esperança, 2003).

ENRIQUEÇA SEU ESTUDO DEVOCIONAL E SUAS PREGAÇÕES COM O

Comentário Bíblico Andrews

MKT CPB | Adobe Stock

NOVIDADE!

CONTEÚDO
ATUAL!

ABRANGENTE!

OBJETIVO!



Escrito por teólogos de vários países, como Gerhard Pfandl, Michael Hasel e Zdravko Stefanovic.

Fornecer ao leitor diversos dados sobre as línguas originais, crenças bíblicas e arqueologia.

Contém artigos e ensaios suplementares que enriquecem e ampliam a compreensão das Escrituras.

Obra de referência na área da Teologia, com conteúdo atual, abrangente e objetivo.

cpb.com.br • 0800-9790606

CPB livraria • WhatsApp (15) 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor WhatsApp (15) 3205-8910
atendimentolivrarias@cpb.com.br



Baixe o Aplicativo CPB



Facebook Instagram Twitter YouTube /cpbeditora



O NÚMERO DA **BESTA**

Uma perspectiva bíblica
sobre o misterioso e
temido 666

Monstros são criaturas híbridas e bizarras que cruzam as fronteiras da normalidade. Na Bíblia, os monstros aparecem em vários livros, mas ganham protagonismo em Daniel e no Apocalipse. São feras que representam as forças do mal, desafiam Deus e perseguem/matam os fiéis.

Das profundezas do oceano revolto e da vastidão da terra deserta, emergem as duas bestas de Apocalipse 13, como figuras de um pesadelo tecido com fios de profecia. São poderes políticos e religiosos que surgem da obscuridade e, urdindo um enredo de opressão e desolação, tornam assustador o horizonte da escatologia e lançam suas sombras sobre o coração dos homens como um eclipse da esperança.

Nesse cenário apocalíptico, fechando a descrição dos dois monstros em Apocalipse 13, ocorre uma referência ao número da besta, um símbolo carregado de mistério. Mesmo fora do contexto religioso, o 666 adquiriu uma conotação supersticiosa em várias culturas ao redor do mundo.

Que número é esse? Por que identificar a besta por meio de um código tão intrigante? Como decifrar o enigmático 666? A interpretação desse número tem desafiado as melhores mentes da teologia e gerado muitas teorias ao longo dos séculos. Mas o significado deve ser buscado no próprio Apocalipse, em seu contexto bíblico.

Em síntese, há três tipos de explicações mais comuns sobre o significado do número 666: simbólica, matemática e cronológica.¹ Alguns intérpretes o consideram um símbolo do mal, da imperfeição, da incompletude ou da corrupção humana. Outros o veem como uma referência a um líder religioso, um governante ou uma instituição poderosa. E ainda outros entendem que o número se refere à duração do reino da besta.² Como esse

último ponto de vista tem menos apoio, vamos analisar os argumentos em favor das duas principais linhas interpretativas.

Interpretação simbólica

A *interpretação simbólica*, que ganhou espaço nas últimas décadas, é adotada por um número significativo de teólogos. Na tradição judaico-cristã, os números têm significados simbólicos. E o número seis é frequentemente associado ao imperfeito ou incompleto, pois vem antes do sete, que é considerado um número perfeito e símbolo da Divindade. Assim, o triplo seis (666) pode representar uma trindade corrompida, imperfeita ou maligna, ou ainda a arrogância do poder humano em oposição a Deus. Seria uma expressão da humanidade tentando se elevar acima de sua natureza finita e desafiando a autoridade divina. Deus é 777, o diabo é 666.

Ranko Stefanovic enumera vários motivos para contestar a visão matemática e defender a interpretação simbólica: (1) ao se usar a técnica da gematria, o número de candidatos ao 666 seria ilimitado; (2) João não emprega a gematria em nenhum lugar como método de identificação; (3) ele não se refere no livro a indivíduos históricos

específicos, mas, sim, a sistemas políticos ou religiosos; (4) se João quisesse que o 666 fosse entendido pela contagem do valor numérico das letras, ele teria indicado a língua em que esse nome ocorre; e (5) o número da besta tem relevância no contexto escatológico, ou seja, no cenário profético do futuro.³

Em sua longa e rica discussão sobre o 666, Gregory Beale elabora alguns desses mesmos argumentos, entre outros. Para ele, o grande número de propostas conflitantes para o número depõe contra o método de cálculo literal. Além disso, segundo o teólogo, a referência em Apocalipse 14:1 ao nome do Pai e do Cordeiro escrito na testa dos 144 mil indica um “contraste intencional” entre o nome da besta e o do Senhor. Considerando que o nome divino simboliza “uma realidade puramente espiritual”, isso se aplica também ao número da besta, que é “sinônimo de seu nome”.⁴

Nessa linha simbólica, tem crescido o apoio à hipótese de que o número 666 vem de uma referência ao total de ouro recebido e acumulado anualmente pelo rei Salomão no contexto de sua apostasia: 666 talentos (1Rs 10:14, ARA).⁵ Essa hipótese foi ventilada pelo Venerável Beda (c. 673-735), um monge inglês que escreveu obras históricas, teológicas e bíblicas. Depois de mencionar os 666 talentos levados a Salomão, Beda comentou que o “tirano e sedutor” (o anticristo) presumiria cobrar para si mesmo o que, de fato, é “um presente devido ao verdadeiro rei”.⁶ O problema é que não há referência explícita (e talvez nem alusão implícita) ao ouro de Salomão em Apocalipse 13.

Uma interpretação simbólica mais promissora envolve o sistema sexagesimal usado em Babilônia, com numeração de base 60, uma vez que o simbolismo de Babilônia espiritual é apresentado em Apocalipse 14 e 16 a 18. Babilônia usava o número triangular, em que a soma dos triangulares 1-36 = 666. Acima de tudo, assinalou George Caird, 666 “é um número triangular, em contraste

sinistro com os números quadrados dos mártires e da cidade celestial”.⁷ O 6 também poderia ser contrastado com o 7, que ocorre no Apocalipse em 63% dos 108 usos do termo no NT.

De fato, alguns termos ou conceitos que aparecem em Daniel 3 (no contexto da Babilônia histórica) aparecem também em Apocalipse 13 (no contexto da Babilônia espiritual), como “imagem” (Dn 3:1; Ap 13:14), “adorar” (Dn 3:5; Ap 13:8), “60, 6” e “666” (Dn 3:1; Ap 13:18), todas as pessoas (Dn 3:4, 7, 10; Ap 13:8, 16), violência e pena de morte (Dn 3:6, 19, 20; Ap 13:7, 15) e livramento dos fiéis (três jovens hebreus; 144 mil). “É possível que João também tenha usado o ‘método da ampliação’ e aumentado o número 60 ou 6 (Dn 3:1) para 666 a fim de transmitir o escopo global da apostasia da Babilônia espiritual e enfatizar sua depravação. O número 666 indica as tentativas das forças do mal de construir um novo reino da Babilônia espiritual em sua plenitude/completude.”⁸

O número da besta (666) também poderia estar conectado com o dia de adoração e a submissão do indivíduo ao dragão. A humanidade foi criada no sexto dia e descansou no sétimo dia como sinal de participação na obra completa e perfeita de Deus. Simbolicamente, o dragão, a besta do mar e a besta da terra insistem: 666. Deus Pai, Cristo e o Espírito Santo testificam: 777. Ao passo que a tradição humana defende o 6, o Apocalipse aponta para o 7.

Interpretação matemática

A *interpretação matemática* sugere que o número pode ser uma representação numérica de um nome ou título específico, usando a prática de gematria (em hebraico) ou isopsefia (em grego), termos técnicos para o antigo método de atribuir valores numéricos às letras do alfabeto. Isso levou a muitas especulações sobre quem ou o que o número poderia representar ao longo da história. “Pode haver mais propostas para o significado de 666 do que há versos no Apocalipse”, ironizou J. Scott Duvall.⁹

Usando esse código, alguns interpretam o número 666 como uma referência a sistemas políticos, religiosos ou econômicos que se opõem aos princípios cristãos. Para citar um caso, Ubertino de Casale (c. 1259-1330) considerava o papa Benedito XI (1240-1304) o anticristo, pois as letras de Benediktos em grego somam 666.¹⁰ Esse papa era inimigo da ordem franciscana, à qual pertencia Ubertino. Isso mostra que nossos humores podem influenciar a interpretação de 666.

Que a gematria ou isopsefia era conhecida e utilizada na antiguidade, não se discute. Considerando que as letras do alfabeto em hebraico, grego e latim tinham valores numéricos, alguém poderia usar um código para se referir a outra pessoa. Por exemplo, um grafite em Pompeia diz: “Eu amo aquela cujo número é 545.” Os Oráculos Sibílicos (5.15-65) identificam imperadores romanos pelo valor de sua letra inicial, e referem-se a Nero como um terrível soberano que tem a letra 50, o valor de N (5.39-49). Além disso, esse documento (1.395-402) indica que o valor numérico de “Jesus” em grego é 888.

No Apocalipse Grego de Baruch (3 Baruch 4:3-7), um dragão bebe de um mar alimentado por 360 rios, e 360 é o valor numérico da palavra “dragão” transliterada do grego (*drakōn*) para o hebraico. Curiosamente, quando a palavra “besta” em grego (*thērion*) é transliterada para o hebraico

(trywn; tau = 400; resh = 200; yod = 10; waw = 6; nun = 50), o total é 666.¹¹ Já a forma grega genitiva de “besta” (*thēriou*) transliterada para o hebraico (*tryw*) equivale a 616, número que aparece em alguns manuscritos.

Irineu (c. 130-202), bispo de Lyon, foi um teólogo contemporâneo das primeiras gerações de cristãos que tratou do assunto do 666. Embora cauteloso, ele favorecia Teitan, uma variante de Titan (Tito?), por ser uma palavra “composta por seis letras, cada sílaba com três letras”; e mostrou simpatia por Lateinos (latino), por ser uma referência ao último reino mencionado por Daniel.¹²

Aplicando o método da gematria a Nero, os comentaristas usam a forma grega *Nerōn Kaisar* transliterada para o hebraico a fim de calcular 666. Alguns atribuem o enigmático 666 a Nero com muita convicção. O respeitado teólogo Richard Bauckham sentenciou: “A gematria não meramente afirma que Nero é a besta; ela demonstra que ele é.”¹³

Embora a hipótese que equipara Nero ao número 666 seja quase consenso entre os eruditos bíblicos com viés preterista e alguns autores antigos chamassem Nero de “besta”,¹⁴ há muitos problemas com ela. Para começar, os proponentes não usam apenas Nero, mas Neron Kaisar, e não em latim ou grego, mas transliterado para o hebraico. E por que fixar o número em um imperador, se o nome de vários outros também equivalem a 666? Como muitos leitores entenderiam o cálculo em hebraico? Além disso, essa interpretação não fazia parte do repertório dos primeiros comentaristas. Isso sem falar que a figura de Nero é pequena demais para se enquadrar na descrição de Apocalipse. E o imperador viveu antes de João escrever o Apocalipse, enquanto a descrição de Apocalipse 13 situa a besta no futuro. O mito de que Nero era uma besta que retornaria como o anticristo (Nero redivivus) era bem disseminado, mas não tem legitimidade bíblica.¹⁵

Outra interpretação popular entre os protestantes do passado e muitos adventistas é o uso da gematria para interpretar o título papal *Vicarius Filii Dei* (Vigário do Filho de Deus). Essa interpretação foi proposta pela primeira vez nos anos 1600 pelo erudito alemão Andreas Helwig (1572-1643).¹⁶ A gematria aqui é a soma dos valores numéricos das letras em latim: V = 5; I = 1; C = 100; A = 0; R = 0; I = 1; U = 5; S = 0 // F = 0; I = 1; L = 50; I = 1; I = 1; // D = 500; E = 0; I = 1. Total = 666.

Uriah Smith foi o primeiro a propor essa interpretação entre os adventistas, num artigo em 1866.¹⁷ Em 1874, ele escreveu: “O papa usa em sua coroa pontifícia, em letras cravejadas de joias, este título: *Vicarius Filii Dei*, ‘Vice-Regente do Filho de Deus’. O valor numérico desse título é exatamente seiscentos e sessenta e seis. A suposição mais plausível que já vimos sobre esse ponto é que aqui encontramos o número em questão. É o número da besta, o papado; é o número de seu nome, pois ele o adota como seu título distintivo; é o número de um homem, pois aquele que o carrega é o ‘homem do pecado.’”¹⁸

Em harmonia com sua perspectiva historicista, o teólogo Norman Gulley argumentou que o número está associado às atividades, à identidade e ao nome da primeira besta e é o número de um homem, “que representa o sistema do papado”. Para formular sua tese, ele apelou para o título papal *Vicarius Filii Dei* e antecipou possíveis objeções.¹⁹ Gulley sabe, é claro,

que o número por si só não prova nada, mas o usa no contexto da interpretação historicista, que enxerga o sistema papal como a primeira besta de Apocalipse 13.

Essa interpretação foi desacreditada por alguns teólogos adventistas nas últimas décadas, inclusive na Lição da Escola Sabatina,²⁰ mas ganhou novo apoio com base em descobertas de documentos confirmando o uso do título por papas.²¹ O emprego de *Vicarius Filii Dei* como uma possível explicação para o número 666 aparece no artigo da Enciclopédia Adventista on-line, ao lado de “um triplo seis indicativo de uma trindade satânica”.²²

Em 2021, com base nesse artigo, o Instituto de Pesquisa Bíblica publicou um texto explicando que a Igreja Adventista não tem uma posição oficial sobre essa questão, mas convive com esses dois pontos de vista principais. Se, por um lado, “não nos é dito que 666 é o valor numérico adicionado das letras em tal designação”, por outro lado, “o texto grego é literalmente 600 + 60 + 6, não três seis ou um seis triplo”. De qualquer forma, reconhece o artigo, há muitas evidências no texto e na história que identificam a primeira besta de Apocalipse 13 com o papado, independentemente de como o 666 é entendido.²³

“O número 666 é tão peculiar que o anseio de o transformar no nome de uma pessoa deveria ser resistido”, ponderou Sigve Tonstad. “O chamado para ‘calcular’ ou ‘descobrir’ é mais bem compreendido em um nível mais alto de abstração.”²⁴ Talvez.

Avaliação

Se a marca da besta, mencionada sete vezes em Apocalipse (13:16, 17; 14:9, 11; 16:2; 19:20; 20:4), pode ser identificada com segurança, em oposição ao selo de Deus, o mesmo não se aplica ao número da besta, que é bem mais difícil. No entanto, o texto apresenta alguns fatos.

Para começar, o número se refere à primeira besta, não à segunda, e “representa seu nome” (Ap 15:2, NVT). Considerando que a pessoa identificada com o sistema do dragão é aquela que “tem a marca, o nome da besta ou o número de seu nome” (13:17), o “nome da besta” equivale

ao “número de seu nome”. Então João poderia estar atribuindo ao nome “besta” o código 666, o que, conforme foi dito, ocorre se a palavra *thērion* for transliterada para o hebraico.

João acrescenta que 666 “é número de ser humano” (Ap 13:18). A palavra *anthrōpos* (sem o artigo), usada por ele, pode significar ser humano, humanidade, homem, pessoa, ou ainda uma “realidade humana”,²⁵ em contraposição à dimensão divina. Dois eruditos bíblicos observaram: “Apesar da linguagem de Apocalipse 13:17, não está totalmente claro que Apocalipse 13:18 exige que o número seja o nome real de um indivíduo.”²⁶ Isso é verdade. Por outro lado, devemos considerar o uso do verbo “calcular”.

O texto diz: “Aquele que tem entendimento calcule o número da besta” (13:18). O “entendimento” se refere à sabedoria que vem de Deus, implica uma avaliação cuidadosa e é essencial no contexto escatológico. O verbo *psēphizō*, usado somente aqui (*psēphisatō*) e em Lucas 14:28 (*psēphizei*), significa “calcular”, “contar”, “computar” ou “avaliar”. O verbo vem do substantivo feminino *psephos* (“pedrinha”), que significa usar seixos em uma enumeração para contar/computar algo, como votar ou lançar sorte.

É bom lembrar também que o “número” (*arithmos*) é 666 (*hexakosioi hexēkonta hex*,

600 + 60 + 6), no sentido de um número único/singular, e não 6 (*hex*), 6 (*hex*), 6 (*hex*), como se fosse uma sequência de três 6 separados. Isso não impede o sentido simbólico, mas confere peso à leitura matemática. Além disso, alguns manuscritos expressam o número 666 por meio de três letras gregas seguidas por um acento ($\chi\chi\chi'$) ou com um traço em cima ($\overline{\chi\chi\chi}$) para indicar seu uso numérico.

Enfim, as interpretações simbólicas nos colocam em terreno mais genérico e seguro, mas podem não ser tão técnicas ou completas. João parece apontar para algo específico quando enfatiza o cálculo do “número”. O fato é que, no momento, nenhuma solução é 100% conclusiva. Se o número da besta representava um código compreensível para a audiência original, é um enigma para o público atual.

Seja qual for a interpretação adotada, o número está ligado à arrogante e blasfema besta híbrida de leão, urso e leopardo formada pelo DNA dos anímais de Daniel 7. Esse monstro imperial de sete cabeças já se manifestou ao longo da história, mas, quando a cabeça ferida de morte for totalmente curada, seu instinto de arrogância, blasfêmia e violência voltará intensificado. Ao montar o quebra-cabeça do 666, devemos considerar as informações fornecidas pelo próprio autor. O código é apenas um detalhe que ajuda a confirmar o universo simbólico que ele retrata. E ninguém deve se esquecer de que a realidade por trás dos monstros/bestas de Apocalipse 13 é o dragão. Por isso, o número se refere, em última análise, ao sistema do dragão, o anticristo dos anticristos que se manifestará no fim.

Não devemos ser dogmáticos, pois há risco de erro e descrédito. A atitude mais segura é observar o cumprimento dessa profecia no fim dos tempos, quando o código se tornará mais evidente. O povo de Deus precisa ter sabedoria para discernir a realidade e interpretar os acontecimentos apocalípticos, sempre com equilíbrio, fidelidade ao texto e lealdade ao Céu. ■

Referências

- 1 G. K. Beale, *The Book Revelation: A Commentary on the Greek Text* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1999), p. 718.
- 2 Os Oráculos Sibilinos (8.195-198 [trad. Milton S. Terry, ed. rev.]) convertem “Roma” em números para indicar o total de anos antes de sua queda.
- 3 Ranko Stefanovic, *Revelação de Jesus Cristo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2023), p. 415.
- 4 Beale, *The Book of Revelation*, p. 721.
- 5 Cf. Keith Bodner e Bent A. Strawn, “Solomon and 666 (Revelation 13.18)”, *New Testament Studies* 66 (2020), p. 299-312.
- 6 Bede, *Commentary on Revelation*, tradução, introdução e notas por Faith Wallis (Liverpool: Liverpool University Press, 2013), p. 206.
- 7 G. B. Caird, *A Commentary on the Revelation of St. John the Divine* (Nova York: Harper & Row, 1966), p. 176.
- 8 Bohdan Kuryliak e Ihor Kuryliak, “Number 666 in Revelation 13:18 in the Light of Daniel 3”, palestra apresentada no Biblical Apocalyptic Study Group, em 3 de março de 2024. Cf. Carlos Olivares, “Elementos Para Decifrar El 666: Una Propuesta”, *DavarLogos* 8 (2009), p. 31-58.
- 9 J. Scott Duvall, *Revelation* (Grand Rapids, MI: BakerBooks, 2014), p. 198.
- 10 David A. deSilva, *Discovering Revelation: Content, Interpretation, Reception* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2021), p. 136.
- 11 Dennis E. Johnson, *Triumph of the Lamb: A Commentary on Revelation* (Phillipsburg, NJ: P&R Publishing, 2001), p. 192.
- 12 Irineu, *Contra as Heresias* 5.30.1-3..
- 13 Richard J. Bauckham, *The Climax of Prophecy: Studies in the Book of Revelation* (Edinburgh: Cambridge University Press, 1993), p. 389.
- 14 Filóstrato, *Vida de Apolônio* 4.38; Beale, *The Book of Revelation*, p. 719.
- 15 Cf. Sigve K. Tonstad, “Appraising the Myth of Nero Redivivus in the Interpretation of Revelation”, *Andrews University Seminary Studies* 46 (2008), p. 175-199.
- 16 Andreas Helwig, *Antichristus Romanus ex proprio suo nomine proditus* (Stralsund: Litteris Ferberianis [Ferber], 1630).
- 17 Uriah Smith, “The Two Horned Beast”, *The Review and Herald* (v. 28, no 25), 20 de novembro de 1866, p. 196.
- 18 Uriah Smith, *The United States in the Light of Prophecy* (Battle Creek, MI: Steam Press of Seventh-day Adventist Publishing Association, 1874), p. 158.
- 19 Norman R. Gulley, *Systematic Theology: The Church and the Last Things* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2016), p. 533-537.
- 20 Cf. Angel Manuel Rodriguez (contribuidor principal), *Great Apocalyptic Prophecies*, Adult Sabbath School Study Guide (Nampa, ID: Pacific Press, 2002), abril a junho de 2002, p. 86. A Lição favoreceu a interpretação simbólica, no sentido de uma “rebelião intensificada, seis usado três vezes, e independência total de Deus” (p. 86).
- 21 Cf. Edwin de Kock, *The Truth About 666 and the Story of the Great Apostasy* (Edinburg, TX: publicação do autor, 2011), em especial uma lista de documentos católicos que contém o título *Vicarius Filii Dei* nas páginas 791-793. Há também duas bulas do papa Paulo VI publicadas na década de 1960 que têm sido citadas como evidências do uso de *Vicarius Filii Dei*: “*Rivi Muniensis* (9 de agosto de 1965)” (<link.cpb.com.br/01324a>) e “*Bafianae* (11 de janeiro de 1968)” (<link.cpb.com.br/ace12e>), acesso em 7/5/2024.
- 22 Edwin de Kock, “The Number of the Beast”, disponível em <link.cpb.com.br/d28ce3>, acesso em 7/5/2024.
- 23 Biblical Research Institute, “Answers to Questions on the Mark of the Beast and End Time Events”, disponível em <link.cpb.com.br/c3cc9a>, acesso em 7/5/2024.
- 24 Sigve K. Tonstad, *Revelation* (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2019), p. 198.
- 25 Francis J. Moloney, *The Apocalypse of John: A Commentary* (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2020), p. 210.
- 26 Bodner e Strawn, “Solomon and 666 (Revelation 13.18)”, p. 302.



O PASTOR COMO CONSELHEIRO

Fundamentos para um
aconselhamento efetivo

Dentre as diversas atribuições do ministério pastoral, encontra-se a atividade de aconselhamento. No entanto, devido à quantidade de tarefas, prioridades e possíveis limitações em termos de formação acadêmica ou habilidades pessoais, é comum que alguns ministros se sintam desconfortáveis ao desempenhar essa função. Além disso, o exercício do aconselhamento pode resultar em uma carga adicional de estresse e ansiedade.

Por outro lado, os membros da igreja frequentemente veem o ministro como a primeira fonte de ajuda ou suporte, mesmo em assuntos em que o pastor não possui conhecimento especializado. Nessas circunstâncias, a palavra do ministro adquire uma autoridade que pode causar desconforto para alguns, especialmente quando os pastores enfrentam problemas similares aos dos membros sob seus cuidados.

Um bom conselho

De acordo com o senso comum, um conselheiro é alguém especializado em oferecer orientação e aconselhamento. Seguindo essa vertente, a primeira questão aborda o conteúdo de um conselho eficaz. A Bíblia diz: “Quem despreza o bom conselho se envolve em dificuldades; quem respeita o mandamento será bem-sucedido. A instrução do sábio é fonte de vida; quem a aceita escapa das armadilhas da morte” (Pv 13:13, 14 NVT).

O bom conselheiro não manipula as pessoas a fazer o que ele acha certo, mas sim compartilha informações para que elas construam suas próprias convicções e mudem comportamentos prejudiciais, respeitando a capacidade de escolha e incentivando o desenvolvimento da autonomia. O aconselhamento visa fornecer dados para decisões fundamentadas, não apenas dar instruções sobre o que fazer. Nesse sentido, o aconselhamento é um processo *educativo* (transmissão de informações), *focal* (voltado para uma questão específica), *breve* (em comparação com um processo terapêutico) e *diretivo* (considerando a atuação do conselheiro).

Psicologia e religião

A relação entre psicologia e religião está longe de ser unânime. Dentro da Psicologia, há uma diversidade de perspectivas sobre a religião. Alguns adotam uma visão mais negativa, considerando-a uma fonte de transtornos (como Freud e Ellis). Outros são mais equilibrados, reconhecendo influências tanto positivas quanto negativas (como William James, Erickson e Yalom). Há também aqueles que têm uma visão mais positiva (como Adler), enquanto alguns acreditam que a religião desempenha um papel central no processo terapêutico (como Jung e Frankl). Um exemplo intrigante é o de Irvin Yalom, que, mesmo sendo ateu, recebeu um prêmio por suas contribuições à psiquiatria e à religião em 2001, gerando certo desconforto entre profissionais religiosos nos Estados Unidos¹

Por outro lado, dentro da Teologia, também existe certa desconfiança em relação ao trabalho do psicólogo e aos seus pressupostos. Diante da crescente tendência à apropriação do conhecimento produzido pela Psicologia por teólogos, alguns dos riscos incluem: a psicologização da religião, priorizando o indivíduo e sua subjetividade; o relativismo nas definições doutrinárias, valores e normas; a transformação da religião em um corpo de autoajuda; a diminuição do papel da religião na formação do indivíduo; distorções teológicas e hermenêuticas; e a confusão do papel exercido pelo líder espiritual.

Se existem razões para distanciamento, é válido considerar também suas aproximações. Ambas as disciplinas oferecem instruções e sugestões concretas para o planejamento da vida sob perspectivas interpretativas diferentes. A religião é um fenômeno de interesse do psicólogo, à medida que a experiência religiosa influencia o comportamento das pessoas. O filósofo e psicólogo americano William James sugere que a religião deveria ser estudada a partir dos seus resultados sobre o praticante, não sobre a teologia que a sustenta.²

Do lado da religião, o desenvolvimento do conhecimento psicológico influenciou a construção de modelos de aconselhamento que consideram as descobertas sobre o comportamento humano, suas atitudes e as técnicas de manejo terapêutico, resultando no desenvolvimento de modelos integrativos³ de aconselhamento pastoral.

Aconselhamento pastoral

Quando se trata do aconselhamento ministrado pelo pastor (também conhecido como aconselhamento pastoral ou aconselhamento bíblico), surge a questão sobre seu escopo, sendo necessário definir o que é específico da atividade do pastor nesse contexto e o que o diferencia de outros profissionais que o praticam.

Em primeiro lugar, o pastor precisa se preparar para a função de conselheiro, o que demanda certo nível de preparação emocional devido ao desgaste mental envolvido. Nesse sentido, ele pode recorrer aos serviços de um psicólogo, assim como pode precisar desse suporte se estiver passando por dificuldades emocionais relacionadas à sua vida profissional, pessoal ou familiar. Ser um conselheiro não exclui a possibilidade de precisar de atendimento especializado para lidar com seus próprios problemas.

Um segundo aspecto diz respeito à diferenciação entre o aconselhamento pastoral e a terapia oferecida a pessoas religiosas.⁴ Um psicólogo atendendo uma pessoa religiosa precisará dar atenção a esse aspecto da vida do seu cliente, especialmente se a religião for uma questão relevante para ele. No entanto, o atendimento será sempre psicológico, mesmo que seja realizado por um pastor com formação na área.

Por fim, há uma especificidade no trabalho do pastor como conselheiro, que pode ser percebida ao longo da história, precedendo a Psicologia como ciência, que deu seus primeiros passos no fim do século 20. O líder religioso sempre foi consultado para uma série de questões relativas ao dia a dia. Moisés (Êx 18:13-16) serve como um bom exemplo do trabalho do conselheiro, mostrando a exaustão que esse trabalho pode gerar e como as pessoas estão ávidas por buscar suporte para suas decisões. O conselho de Jetro nos versos posteriores deixa claro que essa atividade pode ser delegada a outros, aliviando o fardo do líder e dos liderados que aguardam soluções.

O conhecimento compartilhado durante o aconselhamento pastoral pode envolver: passagens bíblicas relacionadas ao assunto; narrativas de personagens bíblicos ou cristãos que enfrentaram situações análogas;

orientações relevantes de autores que contribuam para o assunto em questão; experiências pessoais do conselheiro; testemunhos; reflexão sobre as opções que o aconselhando tem à sua disposição e eventuais consequências; informações e exercícios diretamente relacionados ao problema ou secundários a ele, que ajudam o aconselhando a lidar melhor com suas situações e a ter melhor qualidade de vida.

Modelos de aconselhamento pastoral

Ao longo da história, a busca por suporte pastoral em momentos de crise e a tarefa de aconselhamento assumiram diferentes nuances. A separação por modelos, apresentada a seguir, é apenas didática, para facilitar a compreensão das diversas possibilidades que o aconselhamento pastoral assumiu ao longo do tempo, bem como da multiplicidade de formas de atuação nos dias atuais.

Modelos com base na autoridade profética ou sacerdotal. Os líderes religiosos, como sacerdotes e profetas, eram consultados para aconselhamento. Em outras situações, eles próprios eram chamados para alertar o povo sobre a necessidade de confissão e arrependimento. Esse é o modelo mais comum na Bíblia.

Modelos com base no conhecimento das Escrituras e na capacidade de interpretação e aplicação. Sem os profetas, os doutores da lei e os escribas se tornaram aqueles a quem as pessoas buscavam para lidar com suas demandas segundo a vontade de Deus, expressa em Sua Palavra. Nos dias atuais, os manuais de aconselhamento⁵ voltados para as respostas bíblicas aos vários problemas humanos têm uma função similar.

Modelos com base em rituais religiosos. A confissão auricular⁶ tem como base a crença no poder do sacramento, que leva as pessoas a compartilhar seus fardos aos sacerdotes em busca de alívio para a culpa que carregam.

Movimento de educação familiar. Surgiu após a Primeira Guerra Mundial como resposta a uma sociedade devastada. Crianças em orfanatos, famílias enlutadas pela perda de seus entes queridos, casais em conflito devido ao retorno de soldados ao convívio familiar, uso de entorpecentes, alcoolismo e crimes sexuais de guerra foram algumas das situações vivenciadas nesse período. Esses problemas, somados a outros desafios contemporâneos, ainda são relevantes hoje. A terapia familiar e os ministérios de educação familiar continuam a desempenhar uma obra específica para atender às pessoas em diversas fases do ciclo familiar.

Modelos com base em técnicas psicológicas. A associação livre psicanalítica tornou-se uma técnica usada por muitos pastores desde o século passado, especialmente devido à disponibilidade de formação em muitos centros que não exigem qualificação adicional além daquela que os pastores já possuem. Evidentemente, muitos pastores procuraram formação psicológica em outras abordagens. Apesar da facilidade de acesso à formação nos dias atuais, há o risco de perder a essência ou o aspecto distintivo do aconselhamento pastoral. Não se trata de uma crítica àqueles que seguem esse caminho, mas

de trazer o pastor de volta ao que é próprio do aconselhamento pastoral e bíblico.

Modelos com base em experiências extáticas. Nesse caso, o líder religioso leva seus seguidores, em geral, a uma experiência libertadora mediada por retiros ou cultos de libertação.

Modelos com base na Bíblia, voltados para a ressignificação dos pensamentos e mudança comportamental. Em comum, estes modelos de aconselhamento buscam estabelecer um conjunto de técnicas e recursos fundamentados na Bíblia. A Noutética⁷ (do grego “orientar”, “aconselhar”) de Jay Adams tem relação com confrontação e exortação. Paul Coneff, por sua vez, propõe um modelo de aconselhamento no qual o sofrimento de Cristo na cruz ocupa o lugar central na restauração da verdadeira identidade de cada ser humano, libertando-o das culpas e dos vícios.⁸ Já David Sedlacek usa a imagem do santuário do coração humano para trabalhar vulnerabilidade, limites e perdão. Há ainda outros exemplos desse modelo, mas esses são suficientes para destacar que existem diversas abordagens para o trabalho do pastor conselheiro, todas com base na especificidade do conhecimento que possuem. No entanto, é preciso frisar que não basta falar de Bíblia para ser bíblico. É preciso que as técnicas usadas no aconselhamento encontrem total suporte na Palavra.

A preparação do conselheiro

No aconselhamento pastoral, o principal instrumento é o próprio conselheiro. Embora seja verdade que o conhecimento da Bíblia seja essencial, a falta de disponibilidade e capacidade do conselheiro para exercer essa atividade pode inviabilizar o processo do aconselhamento.

Este artigo se concentra na figura do conselheiro, portanto, outros tópicos como tempo, local e duração das sessões de aconselhamento não serão tratados aqui, embora devam ser considerados no processo. Em vez disso, serão tratados aqui o treinamento do conselheiro, o conhecimento bíblico e a preparação emocional.

Treinamento em aconselhamento. O conselheiro deve buscar aperfeiçoamento tanto nas técnicas de condução das sessões quanto nas habilidades sociais, como comunicação e empatia. Além disso, é importante desenvolver atitudes que facilitem o acolhimento incondicional do aconselhando, prestar atenção ao sigilo e respeitar as decisões do aconselhando.

Conhecimento bíblico e aplicação. No aconselhamento pastoral ou bíblico, é necessário ter amplo conhecimento da Palavra de Deus e capacidade de relacioná-la às situações enfrentadas pelos membros sob seus cuidados. Os princípios bíblicos norteiam valores que estão presentes em todas as áreas da experiência humana, como família, preservação do casamento, papéis de gênero, educação infantil, comportamento sexual, ética nos negócios, desenvolvimento humano, preconceito étnico, vida e morte, relacionamentos interpessoais, atitudes diante da doença e do sofrimento, entre outros.

Preparação emocional. O aconselhamento é uma atividade emocionalmente desgastante, pois exige que o conselheiro se conecte com os problemas enfrentados por outras pessoas. Além de lidar com as pressões do próprio ministério, ele também precisa tratar do processo de aconselhamento. Assim, o conselheiro deve buscar equilíbrio para lidar com suas próprias emoções⁹ e com os problemas de outros, sem se deixar afetar ou tentar resolver seus próprios problemas por meio daqueles que o procuram em busca de conselhos.

Dificuldades no aconselhamento

O chamado para ser um conselheiro não exige que sejamos algo que não somos. O pastor deve reconhecer seus limites e vulnerabilidades,¹⁰ e isso não o impede de cumprir a tarefa de aconselhar seu rebanho. Deus escolhe pessoas imperfeitas para cumprir Seu plano perfeito. A perfeição não está naquele que é chamado para a missão, mas Naquele que chama. Mas, e quando o aconselhamento extrapola a capacidade do conselheiro? A seguir estão alguns desafios:

- Ao lidar com as dificuldades dos outros, a maioria se torna mais sensível às suas próprias dificuldades. No entanto, em muitos casos, o pastor não busca ajuda até que seja tarde demais, devido à aura de perfeição que cerca os estereótipos ministeriais.

- Embora a diversificação nas formas de atuação seja positiva do ponto de vista do crescimento integral da igreja, isso dificulta o estabelecimento de códigos de ética e a padronização nos modelos de atuação.

- O desconhecimento de questões legais ou de saúde por parte do pastor podem se tornar barreiras para a boa condução do aconselhamento.

- Elementos relacionados aos valores pessoais do conselheiro, questões afetivas ou sua própria saúde psíquica podem exigir que ele encaminhe seus aconselhados para outros profissionais que possam oferecer apoio contínuo e adequado.

- Questões relacionadas ao resultado do aconselhamento podem dificultar a percepção positiva do conselheiro sobre seu trabalho. No entanto, precisamos abrir mão do controle sobre aqueles que nos procuram, por mais que queiramos seu bem, em nome da liberdade de escolha e da responsabilidade individual. Deus nos chamou para cumprir a missão. Deixemos os resultados com Ele.

Por que aconselhar?

O pastor tem uma missão importante no cuidado de seus membros (Gl 6:2), fornecendo suporte específico relacionado ao crescimento espiritual e à salvação, algo que não é encontrado em outros profissionais. Essa obra não é fácil, mas produz frutos de gratidão nesta vida e na eternidade.

“Como o médico trata de doenças físicas, assim o pastor ministra à alma doente do pecado. É sua obra é tanto mais importante do que a do médico, quanto a vida eterna é de maior valor que a existência temporal. O pastor se depara com infinita variedade de temperamentos, e é seu dever conhecer os membros das famílias que assistem a seus ensinos, a fim de determinar que meios melhor os influenciarão no rumo certo.”¹¹ ■

Referências

- ¹ David A. Leeming, Kathryn Madden e Stanton Marlan (eds.), *Encyclopedia of Psychology and Religion* (Nova York, NY: Springer, 2020).
- ² William James, *The Varieties of Religious Experience* (Nova York, NY: Longmans, Green and Co., 1902).
- ³ David N. Entwistle, *Integrative Approaches to Psychology and Christianity* (Eugene, OR: Cascade Books, 2015).
- ⁴ Stevan L. Nielsen, W. Brad Johnson e Albert Ellis, *Counseling and Psychotherapy With Religious Persons* (Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2001).
- ⁵ Gary R. Collins, *Aconselhamento Cristão* (São Paulo: Vida Nova, 2004).
- ⁶ Bengt Hägglund, *História da Teologia* (Porto Alegre, RS: Casa Publicadora Concórdia, 2003).
- ⁷ Jay E. Adams, *Conselheiro Capaz* (São José dos Campos, SP: Fiel, 1977).
- ⁸ Paul Coneff e David Sedlacek utilizam, respectivamente, a cruz e o santuário como eixos temáticos para desenvolver modelos de aconselhamento bíblico, nos quais a obra de Cristo é apresentada como suporte para a reorientação do pensamento. Ver Paul Coneff, *The Hidden Half of the Gospel* (Two Harbors Press, 2014); David Sedlacek e Beverly Sedlacek, *Cleansing the Sanctuary of the Heart* (Mustang, OK: Tate Publishing, 2014).
- ⁹ Reggie McNeal, *A Work of Heart* (São Francisco, CA: Jossey-Bass, 2001).
- ¹⁰ Henry Cloud e John Townsend, *Boundaries* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2017).
- ¹¹ Ellen G. White, *Mente, Caráter e Personalidade* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2017), v. 2, p. 291.



A MISSÃO DO PASTOR ESCOLAR

Como influenciar as
novas gerações

Ser pastor de uma unidade escolar da Educação Adventista é uma oportunidade de desempenhar um ministério de grande magnitude e abrangência. Nessa área, podemos ser plenamente pastores e realizar uma obra grandiosa. Ainda que poucas pessoas sejam capazes de vislumbrar todo o potencial dessa atividade, felizmente a liderança da igreja tem procurado reconhecer cada vez mais a relevância desse importante ministério.

Em maio de 2017, uma comissão estabelecida pela Divisão Sul-Americana tratou o tema da valorização do ministério de um pastor que se dedica à Educação Adventista. Dentre as várias recomendações, está o uso do termo "pastor escolar" no lugar de "capelão escolar" (voto 2017-012), com o objetivo de fortalecer sua identidade com o corpo ministerial do Campo local. Ainda que suas funções e atribuições tenham certa especificidade, o pastor escolar deve ser visto pela igreja como um verdadeiro ministro do evangelho, que está em pleno cumprimento do ministério pastoral.

A revelação e o pastor escolar

Antes, porém, das recomendações da liderança da igreja, podemos lançar mão da revelação divina para avaliar a relevância do ministério ligado à área de Educação. Segundo a Bíblia e o Espírito de Profecia, quem se dedica a essa obra realiza uma tarefa nobre e valiosa.

As Escrituras, em centenas de referências aos verbos ensinar, educar e instruir, realçam a importância dessa atividade que tem como protagonista o próprio Deus. Entre os textos que aludem a essa realidade, destaco as palavras de Paulo a Tito: “Porque a graça de Deus se manifestou, trazendo salvação a todos. Ela nos educa para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos neste mundo de forma sensata, justa e piedosa” (Tt 2:11, 12).

Em outro texto, o apóstolo Paulo destaca o papel daquele que ensina, enfatizando que, para haver crescimento e fortalecimento da igreja, há a necessidade desse dom espiritual: “E Ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres” (Ef 4:11).

Fica claro que é o Espírito Santo que chama e capacita pastores para se dedicarem ao ensino (1Co 12:11). E como há diversidade de dons, aqueles que são vocacionados para ensinar devem valorizar a sua vocação como um chamado.

Entre tantas referências bíblicas ao ensino, o ministério de Jesus merece ser destacado. Vindo ao mundo para salvar a humanidade, Ele Se dedicou intensamente a essa tarefa, tornando-a Sua principal ocupação, a fim de que pudesse revelar às pessoas o caráter do Pai e o caminho da vida eterna. Ellen White comentou: “No Mestre enviado de Deus, o Céu deu aos seres humanos o que possuía de melhor e maior. Aquele que tomara parte nos conselhos do Altíssimo, que habitara no íntimo do santuário do Eterno, foi o escolhido para, em pessoa, revelar à humanidade o conhecimento de Deus.”¹

Além de pregar e curar, Jesus Se dedicou a ensinar (Mt 4:23). Não foi por acaso que até Seus inimigos O chamaram de Mestre. Por essa razão, a vida e o ministério de Jesus atestam, inquestionavelmente, que ensinar é uma obra de grande valor aos olhos de Deus.

Além da Bíblia, os escritos de Ellen White também realçam a importância do pastor escolar. Observe estas citações: “Aquele que coopera com o propósito divino, transmitindo aos jovens o conhecimento de Deus e moldando-lhes o caráter em harmonia com o Dele, realiza uma elevada e nobre obra.”²

“Aqueles que tiverem mais vocação para o ministério devem ser empregados para dar aulas de Bíblia em nossas

escolas. As pessoas escolhidas para essa obra precisam ser estudantes meticolosos da Bíblia, que tenham profunda experiência cristã; e seu salário deve ser pago do dízimo.”³

“As associações devem cuidar para que as escolas sejam providas de professores bem competentes no ensino da Bíblia, bem como que possuam profunda experiência cristã. Os melhores talentos do ministério devem ser empregados em nossas escolas.”⁴

Já que “no mais alto sentido, a obra da educação e da redenção são uma”,⁵ quem toma parte na tarefa de educar está trabalhando para redimir. Na avaliação divina, não há gradação entre o ministério da igreja e o ministério escolar, pois ambos estão realizando a mesma obra. As funções podem ser diferentes, mas o propósito é o mesmo.

Contexto e atribuições

Imagine a cena: Um jovem acaba de se formar no seminário onde foi preparado para ser um pastor de igreja e, em seguida, chega ao seu primeiro campo de trabalho: uma escola. O diretor lhe dá as boas-vindas e deseja que seu ministério seja muito proveitoso. Imediatamente, após ser empossado, algumas perguntas vêm à sua mente: Por onde começo? Quais são as minhas atribuições? O que devo fazer?

O ideal seria que todos os pastores designados para o ministério escolar já tivessem recebido o devido preparo e possuíssem respostas para essas perguntas. No entanto, assim como aconteceu comigo há quase 30 anos, muitos pastores de escola, ao assumirem seu posto de trabalho, também se angustiam por se sentirem completamente despreparados. Diante dessa realidade, algumas questões merecem uma respeitosa reflexão.

No sonho de Deus, a Educação Adventista foi estabelecida para ser um instrumento de salvação de pessoas. Cada aluno colocado sob a tutela espiritual das escolas adventistas é um candidato ao reino de Deus. E se há alguém dentro da escola que não pode perder isso de vista, é o pastor escolar. Sua energia e seus esforços devem ser, intencionalmente, canalizados para esse objetivo.

Assim sendo, o pastor escolar deve, incansavelmente, desafiar aqueles que lideram a sua unidade a entender que “a força de nossa escola está em manter o elemento religioso em ascendência,”⁶ e isso se faz buscando o desenvolvimento espiritual de toda a comunidade escolar. A partir de um planejamento elaborado com bastante intencionalidade, suas ações devem levar aqueles que estão sob seu pastoreio a crescer espiritualmente.

De acordo com o teólogo George Knight, isso só é possível quando se busca o conhecimento de Deus. Ele destaca ainda que esse conhecimento não é apenas teórico, mas prático e relacional.⁷ A começar pelo próprio pastor escolar, quem faz parte da Educação Adventista deve ter a alegria de dizer que conhece a Deus por experiência própria e mantém um relacionamento pessoal com Jesus Cristo.

No entanto, vale lembrar que não há verdadeiro conhecimento de Deus separado da Sua Palavra. Nenhuma unidade da Educação Adventista deveria permitir que a Bíblia ficasse em segundo plano. Ainda que haja exigências acadêmicas a ser cumpridas, a primazia da Bíblia em relação às outras ciências deveria ser uma realidade constante. Ellen White escreveu: “Há risco de nosso colégio ser desviado de seu desígnio original. O propósito de Deus foi dado a conhecer – que nosso povo tenha a oportunidade de estudar as ciências aprendendo ao mesmo tempo os requisitos de Sua Palavra. Devem ser feitas conferências sobre temas bíblicos. O estudo das Escrituras deve ter o primeiro lugar em nosso sistema de educação.”⁸

Outra questão a ser considerada é que o pastor escolar terá um enorme rebanho para pastorear. Todas as pessoas que estão ligadas à sua escola são suas ovelhas. Mesmo uma escola pequena oferecerá um rebanho maior do que a maioria das igrejas à sua volta. Observe os grupos que formam uma comunidade escolar: *alunos* – adventistas e não adventistas; *servidores* – equipe administrativa, professores e equipes de apoio; *familiares* – especialmente o núcleo familiar do aluno; *território* – moradores que vivem e trabalham nas adjacências da escola.

De alguma maneira, todos esses grupos devem ser contemplados pelo trabalho do pastor escolar e isso, sem dúvida, é um enorme desafio. Somente pela atuação do Espírito Santo é possível liderar um projeto de pastoreio de tanta gente, contando, logicamente, com a mobilização de outros funcionários que estejam dispostos a cumprir a missão.

A prioridade do ministério escolar

Por que se estabelecem escolas? Qual é o seu propósito? Na verdade, a melhor pergunta seria: *Para quem se estabelecem escolas?* A resposta é óbvia! Em qualquer lugar do mundo, as escolas são estabelecidas por causa dos alunos. Eles são a razão da existência

de qualquer unidade de ensino e, no caso da Educação Adventista, toda ação direcionada a eles tem o objetivo de salvá-los, pois sua missão é educar para a eternidade.

Sendo assim, o pastor escolar deve manter bem claro em sua mente que a matéria-prima do seu ministério são os alunos. Deus o chamou para ser um instrumento de salvação desse grupo, sobretudo, dos alunos adventistas. Por sinal, Deus ordenou o estabelecimento da Educação Adventista para atendê-los. Com o passar do tempo, esse propósito original foi se perdendo, sendo trocado até por motivos nobres, como evangelizar e buscar excelência acadêmica, mas esses objetivos não são a razão de existirmos. Fomos estabelecidos para ajudar no processo de salvação dos nossos filhos. Evidentemente, não vamos nos esquecer dos demais alunos que chegam até nós.

Há pouco tempo, a Divisão Sul-Americana estabeleceu que uma de suas ênfases é cuidar das Novas Gerações a fim de que elas permaneçam na igreja. Com base nisso, a Educação Adventista ganha ainda mais importância, pois, inquestionavelmente, ela pode ser um poderoso instrumento de apoio à igreja e às famílias.

Ainda que, em média, apenas 20% dos alunos da Educação Adventista no Brasil sejam adventistas, o pastor escolar deve considerá-los suas principais ovelhas, para não correr o risco de esquecê-las em virtude do grande número de alunos a ser evangelizados. Além do pastor, a equipe administrativa da escola deve planejar ações

que sejam voltadas para eles, contemplando três objetivos claros: 1) Levá-los a uma experiência pessoal com Jesus Cristo; 2) fortalecer sua identidade adventista; e 3) envolvê-los na missão da igreja.

Em um dos discursos de Jesus, encontramos uma contundente advertência: “De que adianta uma pessoa ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?” (Mt 16:26). Aplicando essa advertência ao nosso contexto, poderíamos dizer: “De que adianta evangelizar todos os alunos que ainda não conhecem o evangelho e perder os alunos adventistas?”

É verdade que a responsabilidade pela educação, em primeira instância, é da família. Mas não podemos nos esquecer de que Deus ordenou o estabelecimento de nossas escolas por causa dos nossos filhos. Esse é o propósito original de nossa existência.



**Cada aluno
colocado sob a
tutela espiritual
das escolas
adventistas é
um candidato ao
reino de Deus.**



Evangelismo subsidiado

Ainda que a Educação Adventista não tenha sido estabelecida pensando nos alunos não adventistas, temos que reconhecer que não há proibição à presença deles em nossas escolas. Tanto é assim que o crescimento e a multiplicação de nossas unidades escolares se deram especialmente com as matrículas deles.

Os alunos não adventistas nos oferecem uma oportunidade maravilhosa de evangelização. Eles não apenas se fazem presentes; eles pagam para estarem lá. Pagam para receber, além dos conhecimentos acadêmicos curriculares, o conhecimento do evangelho. É isso que eu chamo de “evangelismo subsidiado”.

O pastor escolar evangeliza em um ambiente de grande diversidade religiosa. Portanto, deve ser muito sábio para que suas abordagens demonstrem respeito pela fé de todos os alunos. Isso não impede que o trabalho seja realizado com bastante ousadia, movido pela fé, pedindo a Deus que o oriente e lhe mostre qual é a melhor estratégia para semear a mensagem do evangelho sem correr o risco de fechar o coração dos alunos.

O pastor escolar sabe que chegará o tempo em que muitos ouvirão o convite divino (Ap 18:1) e, como consequência, haverá “um só rebanho e um só pastor” (Jo 10:16). Por isso, em relação a esse enorme grupo, sua missão é semear o evangelho e ver em cada aluno um candidato ao reino do Céu.

Exército bem alinhado

Alguém pode pensar que trabalhar na Educação Adventista significa trabalhar em uma empresa. Mas ainda que muitos tenham isso em mente, o pastor escolar deve ter convicções diferentes. Para ele, uma Escola Adventista é uma agência missionária para salvação de pessoas.

Uma das maiores tarefas do pastor escolar é manter o foco da sua escola nessa direção. Com humildade, mas também com autoridade, deve sinalizar a todos qual é a missão. Para

tanto, ainda não inventaram uma estratégia melhor do que promover o envolvimento no trabalho.

Começando pela equipe administrativa da escola, mas de maneira especial mirando os professores – seus verdadeiros colegas de ministério, pois entram diariamente nas salas de aula e têm contato direto com os alunos –, o pastor escolar tem a solene missão de unir todos na mesma causa. Recepcionistas, bibliotecárias, equipe de tecnologia, monitores, zeladores... todos devem ser inspirados, motivados e desafiados a ampliar sua influência espiritual para que, intencionalmente, sejam o “bom perfume de Cristo” (2Co 2:15).

Ruy Shiozawa, CEO de uma empresa global de pesquisa, citou a história de um zelador da Nasa, ocorrida na década de 1960. Varrendo o chão, ao ser questionado sobre o que estava fazendo, respondeu sem pestanejar: “Estou levando o homem para a Lua.”⁹

Se um zelador da Nasa tinha consciência do propósito de seu trabalho, quanto mais aqueles que trabalham na Educação Adventista, levando-se em conta que estão trabalhando para conduzir seus alunos para o Céu.

Conclusão

Diante do que foi exposto, gostaria de me dirigir àqueles que estão no *front* de batalha, compartilhando algumas orientações que eu gostaria de ter recebido quando comecei meu ministério em uma pequena escola do interior do Paraná: (1) Faça seu trabalho com alegria e entusiasmo. A falta de preparo não justifica indolência, rebeldia ou má vontade; (2) planeje o que você pretende fazer e compartilhe seus sonhos com os administradores da escola; (3) envolva muitas pessoas no seu projeto. Em uma escola, assim como em uma igreja, esse é o trabalho mais importante do pastor; (4) use o método de Cristo: misture-se com as pessoas, seja simpático e ministre às necessidades delas; (5) floresça onde está plantado. Mesmo que não se sinta vocacionado, creia, você não está aí por acaso; (6) siga o conselho de Paulo: “Seja sóbrio em todas as coisas, suporte as aflições, faça o trabalho de um evangelista, cumpra plenamente seu ministério” (2Tm 4:5).

Juntamente com as alegrias do ministério, sempre haverá aflições, seja na escola, na igreja ou em uma função administrativa. Mas a parte que merece destaque é: “Cumpra plenamente seu ministério.” ■

Referências

- 1 Ellen G. White, *Educação* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 50.
- 2 White, *Educação*, p. 11.
- 3 Ellen G. White, *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2024), p. 310.
- 4 Ellen G. White, *Evangelismo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2023), p. 330.
- 5 White, *Educação*, p. 20.
- 6 Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), v. 5, p. 17.
- 7 George Knight, *Mitos na Educação Adventista* (Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2010), p. 46.
- 8 White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 5, p. 23.
- 9 “Funcionário que Encontra Significado no Trabalho Ajuda Mais a Empresa”, *G1*, 6 de agosto de 2015, disponível em <link.cpb.com.br/3ee0ab>, acesso em 16/5/2024.



Fabício Mello
capelão em Padre Miguel, RJ



OS PERIGOS DA TEOLOGIA COACHING

Uma análise da
nova teologia da
prosperidade

Periodicamente, emergem no cenário secular novas vertentes de pensamento, práticas e metodologias com a promessa de aprimorar a jornada humana em busca do crescimento pessoal e profissional. Alguns termos como autoajuda, neurociência aplicada e Lei da Atração permeiam as mensagens de “gurus” modernos que procuram vender a felicidade e a realização pessoal como se fossem alcançadas por um “passe de mágica”, enquanto eles mesmos lucram exponencialmente com a venda de livros, palestras e cursos on-line.

Só para citar um exemplo, em 2006, Rhonda Byrne tornou-se um fenômeno mundial após o lançamento do seu livro *O Segredo*, que em poucos meses vendeu mais de 34 milhões de exemplares e foi traduzido para mais de 50 línguas. No prefácio, a autora promete: “Ao aprender o segredo, você descobrirá como pode ter, ser e fazer tudo o que quiser. Descobrirá quem você é de verdade. Descobrirá a verdadeira grandeza que a vida reservou para você.”¹ Qual é, afinal, o segredo do livro *O Segredo*? É simples: “Você pode ter tudo o que deseja, desde que aplique a fórmula pedir+acreditar+receber.”

Infelizmente, essa tendência encharcada de autoajuda também adentrou nas igrejas com uma roupagem denominada teologia *coaching*. Trata-se de uma filosofia vazia e egocêntrica que promete o desenvolvimento pessoal ao mesclar ensinamentos bíblicos com técnicas empresariais. Segundo seus defensores, a teologia *coaching* consiste em um processo ou conjunto de competências e habilidades voltadas para auxiliar indivíduos a alcançar seus objetivos de vida.²

É importante ressaltar que, de maneira geral, *coaching* é uma metodologia que utiliza técnicas e conhecimentos de diversas áreas, como administração, gestão de pessoas, neurociência, linguagem ericksoniana, entre outras, com o objetivo de alcançar resultados significativos em um curto período de tempo. No que diz respeito à linguagem ericksoniana, trata-se de uma referência ao psiquiatra americano Milton Erickson, uma das autoridades por trás da programação neurolinguística. Ele desenvolveu a “hipnose consciente”, um processo no qual não há um estado de transe ou entorpecimento, mas o paciente é influenciado por meio de mecanismos linguísticos que o levam à tomada de decisões. Por exemplo, na linguagem ericksoniana, o interlocutor não diz “faça isto”, mas aborda de maneira indireta, como “faz sentido para você isto ou aquilo?” Dessa forma, são plantadas sugestões na mente das pessoas.³

Será que podemos misturar técnicas de *coaching* com a pregação do evangelho? Quais são os perigos desse modismo para o ministério?

Filosofia *coach* e o estoicismo

O professor David Fideler, um grande entusiasta moderno do estoicismo, explica que atualmente há um tremendo ressurgimento do interesse popular pelos escritos de Sêneca⁴ e sua filosofia estoica⁵. Grande parte desse interesse está relacionada com a preocupação máxima dos estoicos, assim como de outras escolas filosóficas, que era descobrir qual é a melhor maneira de se viver. Segundo a doutrina estoica, a busca pela *eudaimonia* (a vida que vale a pena ser vivida) passa pelo controle das paixões fortes, aquelas capazes de dominar a personalidade.

O discurso estoico é a base de boa parte dos *coaches* modernos. Ideias como “viva de acordo com o propósito natural de sua existência” e “busque o autocontrole”, por exemplo, derivam dessa escola. Apesar de ter seu valor na vida prática, é importante observar que, para o pensamento estoico, a felicidade depende unicamente do indivíduo. Cada pessoa é capaz de manter sua *eudaimonia* em qualquer situação, se for treinada para isso.

Infelizmente, muitos pregadores famosos, impulsionados principalmente pelas redes sociais, abraçaram essa abordagem superficial e antropocêntrica “que trata o homem, seus desejos materiais e/ou carências emocionais como o foco da pregação e do ministério pastoral ao oferecer, por meio de textos bíblicos mal utilizados, uma narrativa divina que centraliza o homem ao dizer que ele é capaz em poder e importante em valor.”⁶

O problema é que, em vez de aliviar o sofrimento das pessoas, essa pregação tem causado um efeito contrário. De acordo com o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, enfermidades como depressão e Síndrome de Burnout “não são causadas pela negatividade de algo diferente, mas sim pelo excesso de positividade”.⁷ O desejo e a busca desenfreada por riqueza e sucesso têm levado as pessoas a um estado

de esgotamento físico, mental e conseqüentemente espiritual. Alguns pregadores e igrejas perceberam, corretamente, que pessoas estão doentes pela idolatria do sucesso, desempenho e positividade; entretanto, em vez de oferecerem o bom e tradicional evangelho bíblico, estão alterando a mensagem divina para um outro evangelho, que é emocional e antropocêntrico. Portanto, em vez de os promotores da teologia *coaching* levarem as pessoas aos “pastos verdejantes e águas tranquilas” do puro evangelho, têm conduzido seus ouvintes a mais preocupação e vazio.

Paulo e os estoicos

Em Filipenses 4:10 a 13, o apóstolo Paulo parece ecoar o pensamento estoico quando diz: “Aprendi a viver contente em toda e qualquer situação” (v. 11). Ele chega a dizer que sabe o que é passar necessidade e sabe também o que é ser rico. Nada abalava sua fé. No entanto, àqueles que relacionam Paulo aos estoicos, o verso 13 encerra o argumento ao declarar explicitamente que, se ele conseguiu manter-se fiel na pobreza e íntegro na riqueza, tudo foi graças à força que Jesus Cristo lhe concedeu. Este era o segredo de Paulo: “Tudo posso Naquele que me fortalece” (v. 13).

Sem dúvida, esse é um dos textos mais mal utilizados de toda a Bíblia. Muitas vezes, esse trecho é interpretado de forma triunfalista para afirmar que podemos fazer qualquer coisa porque Deus nos fortalece. Mas será que isso é realmente o que Paulo quis dizer? Será que podemos comprar um carro novo porque Deus nos fortalece? É possível ficarmos ricos buscando a força divina? Ou ainda, podemos mudar nosso *mindset* por que Deus nos fortalece?

O segredo da vitória de Paulo sobre as mais diversas e adversas circunstâncias não foi resultado de um treinamento que o habilitou a controlar emoções e paixões extremas. Paulo não fez um curso de teologia *coaching*. Ele não alcançou sua *eudaimonia* pelos próprios méritos, pensamentos ou capacidades, mas reconheceu que sua força vinha de Deus. Isso mostra que o foco da pregação paulina não estava na sabedoria humana, mas no poder do Senhor.⁸ Sua mensagem não era uma palestra motivacional voltada para o bem-estar das pessoas, mas uma exposição do verdadeiro evangelho bíblico, que inclui ensino, santificação, renúncia, correção e, principalmente, a cruz de Cristo (2Tm 3:16; 1Co 2:1-5).

A explicação de Paulo aos filipenses atinge vários grupos que nutrem visões equivocadas da fé e do próprio Deus. Como uma extensão da teologia da prosperidade, a teologia *coaching* se conecta, surpreendentemente, com pessoas de inclinação legalista (que representa uma distorção da fé) e, ao mesmo tempo, também comunica às pessoas que procuram um Deus adaptável, flexível, que assume a forma que cada indivíduo deseja (uma distorção do caráter de Deus).

Espiritualidade deformada

Uma das ênfases mais fortes da teologia *coaching* é a ideia de desenvolvimento pessoal, que serve como elo entre as retóricas religiosa e empresarial. A junção dessas retóricas é uma expressão modernizada

da antiga teologia da prosperidade, que associa o sucesso financeiro e profissional com a aprovação divina.

A teologia *coaching* herdou de sua “mãe” – a teologia da prosperidade – a visão dicromática do legalismo, que resume o processo de santificação em fazer ou não determinadas coisas. A lógica legalista compreende que “a relação do homem com Deus se fundamenta na lei, o homem procura conquistar justiça diante de Deus e produzir em si mesmo aquela qualidade religiosa capaz de ganhar o favor de Deus e ser por Ele aceitável.”⁹ O foco do pensamento legalista é o desenvolvimento espiritual a partir de práticas específicas, uma cartilha de procedimentos que, ser for seguida fielmente, levará o praticante à perfeição moral. Essa mesma lógica funciona quando os pregadores *coaching* ensinam os passos necessários para uma vida bem-sucedida.

Embora tenha sido criada por Essek William Kenyon na década de 1930, Kenneth Hagin se tornou o grande expoente da teologia da prosperidade. Ele “afirmou que teve uma revelação, na qual Jesus lhe falou: ‘Qualquer pessoa, em qualquer lugar, que der estes passos ou colocar em prática estes três princípios (diga, receba e conte), essa pessoa sempre receberá o que quiser de Mim ou de Deus, o Pai’”.¹⁰

Vale destacar que, em nenhum momento, a Bíblia desvaloriza o esforço humano. Pelo contrário, Paulo afirma: “Esforçando-me o mais possível, segundo o poder de Cristo que opera poderosamente em mim” (Cl 1:29). Isso significa que há lugar para a prática de boas obras na vida cristã. No entanto, o apóstolo deixa claro que nem todas as obras são boas, especialmente “as obras da carne (Rm 8:3-10), que são desdobramentos da natureza humana pecaminosa e as

obras da lei (3:28; Gl 2:16; Ef 2:9), que são realizadas na esperança de ganhar a salvação”.¹¹ Portanto, a ideia de que podemos fazer coisas (ou deixar de fazer) para receber benefícios de Deus (financeiros ou o sucesso, como propaga a teologia *coaching*), em uma espécie de barganha, não é bíblica.

O outro lado dessa moeda é a maneira como a teologia *coaching* flexibiliza os padrões morais de Deus. O liberalismo se reflete no pensamento empresarial que permeia a espiritualidade *coaching*, dando a entender que é possível customizar Deus ao gosto de cada indivíduo. Nessa abordagem, Deus é quem precisa se encaixar à realidade das pessoas – seus prazeres, seus hábitos, suas preferências – em vez de elas aceitarem a transformação que Ele precisa operar. No centro da espiritualidade do *coaching* não está o Deus trino, mas o ser humano.

Uma vez que Deus e Sua Palavra deixam de ser o centro, abre-se espaço para o humanismo cristão, uma forma de cristianismo no qual tudo orbita em torno do ser humano. Nesse contexto, a mensagem do evangelho, que “é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê” (Rm 1:16), dá lugar ao discurso terapêutico de autoajuda. Tomar a cruz de Cristo e segui-Lo torna-se uma mensagem impopular. Obediência e juízo são alegorizados; o importante mesmo, segundo essa lógica, é ser uma pessoa boa, que pratica boas ações. O liberalismo teológico, portanto, está no coração da teologia *coaching*, pois ela depende de uma leitura distorcida da doutrina do pecado para sustentar uma ética não bíblica.

Conclusão

A teologia *coaching* prega o oposto de Paulo e é por isso que precisamos tomar cuidado com esse modismo que perverte as Escrituras, o qual ensina que a força vem de nós, que somos campeões, o centro, o ponto fraco de Deus. Em realidade, somos pecadores que necessitam desesperadamente da graça divina e do sangue remidor do Cordeiro. O poder vem do alto, não da autoajuda. Ellen White escreveu: “Em Deus existe força para todos vocês. Mas nunca sentirão necessidade dessa força que unicamente pode salvá-los, a não ser que reconheçam sua fraqueza e pecaminosidade.”¹²

Não somos *coaches*, somos pregadores do evangelho. Nossos membros não são clientes, são ovelhas que precisam ser pastoreadas. O conteúdo de nossa mensagem não é para entreter as pessoas ou torná-las melhores, mas para conduzi-las à transformação ao pé da cruz. Paulo escreveu: “Porque decidi nada saber entre vocês, a não ser Jesus Cristo, e Este, crucificado” (1Co 2:2). Eu oro para que tenhamos a coragem de praticar esse “segredo” de Paulo. ■

Referências

- ¹ Rhonda Byrne, *O Segredo* (Rio de Janeiro: Sextante, 2015), p. 7.
- ² Citado por Valmir N. M Santos, “A Teologia Coaching e Seus Perigos”, *Jornal Mensageiro da Paz* 1638 (2021), p. 16.
- ³ Alan R. Alexandrino, “Teologia do Coaching”, *Teologia Brasileira*, disponível em <link.cpb.com.br/48bf4e>, acesso em 10/4/2024.
- ⁴ Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio são os três escritores estoicos mais conhecidos.
- ⁵ David Fideler, *Estoicismo e a Arte da Felicidade* (Capão Bonito, SP: Nascente, 2022), p. 9.
- ⁶ Yago Martins, Pedro Pamplona e Guilherme Nunes, *Você é o Ponto Fraco de Deus* (São Paulo: Mundo Cristão, 2023), p. 26.
- ⁷ Byung-Chul Hang, *Sociedade do Cansaço* (Petrópolis, RJ: Vozes, 2015), p. 3.
- ⁸ Ao exaltar o poder de Deus e Sua sabedoria em 1 Coríntios 2:1 a 5, Paulo se opõe ao estoicismo, uma das principais linhas filosóficas de sua época, uma vez que os estoicos têm por finalidade justamente a sabedoria.
- ⁹ Gustaf Aulen, *A Fé Cristã* (São Paulo: Aste, 1965), p. 252.
- ¹⁰ Kenneth E. Hagin, citado por Luis A. S. Rossi, *Origem do Sofrimento do Pobre: Teologia e Anti-teologia no Livro de Jó* (São Paulo: Paulus, 2017), p. 54.
- ¹¹ George W. Knight, *Eu Costumava Ser Perfeito* (Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2016), p. 50.
- ¹² Ellen G. White, *Mente, Caráter e Personalidade* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2024), v. 1, p. 232.



FAÇA SUA ASSINATURA DA LIÇÃO DA ESCOLA SABATINA

MKT CPB | Adobe Stock | Midjourney



MANA

CADA DIA, CADA UM, CADA MANHÃ

Acesse:

projetomana.com

Horários de atendimento das CPB livrarias no site: livrarias.cpb.com.br

cpb.com.br • 0800-9790606

CPB livraria • (15) 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor (15) 3205-8910
atendimentolivrarias@cpb.com.br



Baixe o
Aplicativo CPB



/cpbeditora

*O Clube do Livro não contempla as assinaturas das Lições da Escola Sabatina.



CONHEÇA O CLUBE DO LIVRO CPB

ACESSE
O QR CODE



ESCOLHA
O PLANO IDEAL



RECEBA
OS MELHORES
CONTEÚDOS



Instrua a criança no caminho e desfrute a eternidade





A COMUNICAÇÃO QUE ENSINA



Felipe Lemos
assessor de
comunicação da Divisão
Sul-Americana

Na Grande Comissão, Jesus deu uma das ordens mais emblemáticas sobre missão: “Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a guardar todas as coisas que tenho ordenado a vocês” (Mt 28:19, 20). Nessa declaração, duas expressões se destacam: *fazer discípulos* e *ensinar*. Ambas estão conectadas e tratam de educação, pois o conceito de discipulado evidentemente não se limita a apenas transmitir informações, mas também praticá-las.

O ensino, por sua vez, é um conceito intrinsecamente ligado à comunicação da mensagem. Esses termos caminham juntos quando o assunto é cumprir a pregação do evangelho. Ellen White advertiu: “Se a verdade fosse ensinada bem como é em Jesus, haveria um poder cem vezes maior e um poder convertedor sobre o coração humano.”¹

Como podemos desenvolver uma comunicação que ensina em um ambiente digital extremamente hostil e permeado por interesses distantes da ideia de ensino? Afinal, a comunicação educativa visa instigar um pensamento reflexivo e transformador nos públicos. No entanto, esse tipo de comunicação nem sempre impacta uma multidão e, provavelmente, não oferece conteúdos capazes de “viralizar” entre milhões de seguidores. Como podemos, então, comunicar de maneira efetiva no meio digital?

A lógica das plataformas digitais

Os pastores devem entender um pouco acerca da lógica que norteia as plataformas digitais, em especial as redes sociais. É inegável o valor e a oportunidade que se abrem para ministros do evangelho compartilharem mensagens bíblicas a públicos que buscam conteúdos edificantes. Alguns pastores, inclusive, usam sua influência e produzem materiais de altíssima qualidade no evangelismo digital.

Esse movimento é excelente e tem gerado resultados que dignificam o nome de Deus. A dimensão completa da operação das redes sociais, no entanto, precisa ser vista e compreendida pelos ministros adventistas. A jornalista Madeleine Lacsco explica um pouco do conceito das plataformas digitais e dos

seus interesses: “O negócio das redes é mostrar às pessoas postagens sob medida para elas passarem o máximo de tempo usando produtos da plataforma. Por isso, as postagens que têm animosidade contra o grupo oposto são mais distribuídas do que as outras.”²

Uma rápida observação em redes sociais como X (antigo Twitter), Instagram e até a área de chat do YouTube comprova a ideia de Lacsco: predominam disputas argumentativas repletas de comentários agressivos, ofensivos, discriminatórios, preconceituosos e raramente educativos. Esse é o tipo de comunicação que tem atraído milhões de pessoas a esses ambientes, resultando em grande tempo de permanência e longa exposição a conteúdos estrategicamente apoiados por marcas e grupos com interesses substancialmente financeiros.

Dois naturezas comunicacionais

Estar nesses espaços é necessário, estabelecendo o ensejo para eventuais contatos com pessoas que desejam entender o evangelho a partir da perspectiva de um pastor adventista. Mas é

possível perceber a existência de duas naturezas opostas no que diz respeito ao tipo de comunicação empreendido nas redes sociais.

Em primeiro lugar, há uma comunicação agressiva e ofensiva, caracterizada pela troca de acusações, ataques reputacionais, uso de palavras duras, informações parciais ou totalmente falsas, motivadas por um senso de vingança ou raiva incontida. Geralmente vem acompanhada de sarcasmo e costuma ser lembrada muito mais pelo clima de animosidade do que pelo conteúdo compartilhado.

Sobre esse tipo de conduta, Ellen White, já no século 19, fez uma menção que não soa anacrônica: “Pessoas que treinaram a mente para guerrear contra a verdade são usadas para manufaturar enganos. E não mostraremos sabedoria tomando-os de suas mãos, e passando-os a milhares que jamais teriam pensado neles não tivéssemos nós os publicado ao mundo. É isso que nossos oponentes querem que façamos; querem ser notados e que publiquemos por eles.”³

Se você quer amparo bíblico para esse tipo de comportamento esperado em redes sociais ou em qualquer ambiente público, pode recorrer ao sábio Salomão: “A resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira. A língua dos sábios adorna o conhecimento, mas a boca dos insensatos derrama tolices” (Pv 15:1, 2). O desvio da ira vem com a iniciativa de “adornar o conhecimento”. Essa é uma bela expressão poética que pode ser também compreendida como “educar com respeito”.

Em segundo lugar, está a comunicação que ensina, cujos efeitos podem ser mais duradouros, além de deixar marcas que produzirão

um ciclo virtuoso de discípulos e discipuladores. Até porque o ensino transformador exige do agente ativo uma postura compatível com sua mensagem. É o conjunto de comportamentos e uma forma agradável de comunicação que levam as pessoas a aprender, conforme sintetizou Howard Hendricks: “Para se ensinar é preciso buscar um equilíbrio entre o conteúdo e sua comunicação, entre os fatos e a forma, entre o que ensinamos e a maneira como o ensinamos.”⁴

A neurociência tem se aprofundado muito no entendimento acerca de como se desenvolve a aprendizagem. Atualmente, já se conhece bem mais sobre as funções executivas do cérebro ligadas ao funcionamento do córtex pré-frontal – área responsável pela atenção, memória operacional, flexibilidade cognitiva, planejamento, entre outras habilidades. Tudo isso pode ser aprimorado com o bom uso das capacidades cerebrais, desde a infância até a fase adulta. É a educação sistemática é a chave para isso, conforme declarou a neurocientista Carla Tieppo: “Após tudo o que aprendemos sobre o cérebro, vimos que ele é plástico e pode aprender e se transformar sempre. Além disso, cabe ressaltar que as funções executivas também são aprimoradas com a prática.”⁵

Ministério digital relevante

É interessante perceber como, nos escritos de Ellen White, o ensino da Bíblia está entrelaçado com a atividade pastoral, inclusive na forma como lidamos com o erro. Ela afirmou: “A melhor maneira de lidar com o erro é apresentar a verdade, e deixar que as ideias estranhas se extingam por falta de atenção. Contrastando com a verdade, torna-se aparente a todo o espírito inteligente a fraqueza do erro.”⁶

A seguir, observe alguns conselhos práticos sobre a comunicação educativa:

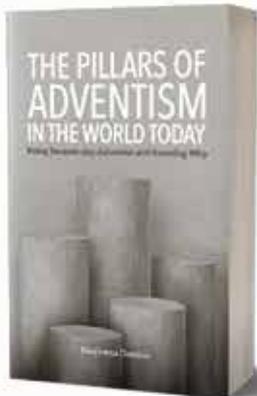
O ministério pastoral é uma oportunidade para ensinar a Bíblia e o estilo de vida cristão às pessoas, não para tentar destruí-las, ofendê-las ou agredi-las em redes sociais, envolvendo-se em disputas argumentativas infundáveis com pouco êxito. Por meio de seus perfis em redes sociais, use a palavra com sabedoria, respeito e com o propósito de ensinar.

Crie meios de comunicar melhor os ensinamentos bíblicos na congregação local, escola ou local em que você exerce algum tipo de influência. Considere a possibilidade de estabelecer um programa com palestras e seminários sobre como ensinar a Bíblia de maneira criativa no ambiente digital. Capacite os membros, alunos e colegas de trabalho nesse sentido.

Faça da mensagem bíblica o centro do seu ministério digital e não você, suas preferências pessoais ou suas ideias próprias. Embora as pessoas se conectem com pessoas nas redes sociais e gostem de acompanhar a vida dos outros, ajude-as a enxergar algo mais profundo: seu testemunho como fiel condutor da Palavra de Deus. Como diz o apóstolo Paulo: “Procure apresentar-se a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade” (2Tm 2:15). ■

Referências

- 1 Ellen G. White, *O Outro Poder* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010), p. 54.
- 2 Madeleine Lacsko, *Cancelando o Cancelamento: Como o Identitarismo da Militância Tabajara Ameaça a Democracia* (São Paulo: LVM, 2023), p. 60.
- 3 White, *O Outro Poder*, p. 37.
- 4 Howard Hendricks, *Ensinando Para Transformar Vidas* (São Paulo: Betânia, 2022), p. 73.
- 5 Carla Tieppo, *Uma Viagem Pelo Cérebro: A Vida Rápida Para Entender Neurociência* (São Paulo: Conectomus, 2021), p. 246.
- 6 Ellen G. White, *Ministério Pastoral* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2023), p. 117, 118.



**The Pillars of
Adventism in the
World Today**

Kwabena Donkor
Biblical Research Institute,
2024, 253 p.

Este livro é recomendado para quem deseja entender os fundamentos do pensamento adventista diante dos desafios do século 21. Além de destacar as doutrinas distintivas dos adventistas e o seu desenvolvimento teológico durante os anos de formação da igreja, o livro também identifica e traça os padrões de pensamento na cultura contemporânea (filosófica, teológica e científica) que minam essas doutrinas em um nível fundamental. A identidade adventista é crucial para o adventismo hoje, pois define sua mensagem e missão.



**Solo un Poco Más:
¿Cuán “Pronto” es
“Pronto”?**

Marvin Moore
Aces, 2023, 160 p.

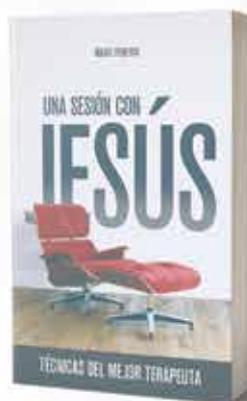
Em cada geração, a crença na breve volta de Jesus tem persistido, com a expectativa de que se tornaria realidade em seus dias. No entanto, ainda estamos aqui, aguardando o retorno de Cristo. Marvin Moore aborda essa tensão, examinando nossas expectativas sobre o futuro e mostrando como elas influenciam nosso senso de missão. Deus nos chamou para compartilhar seu amor com um mundo perdido. Enquanto esperamos, o que fazemos para cumprir essa nobre tarefa?



**Cuidando do Coração:
Aconselhamento
a Viciados em
Pornografia**

Eleny Vassão
Cultura Cristã, 2023, 112 p.

Com a ajuda de Cristo, a idolatria sexual pode ser desmascarada e totalmente erradicada, libertando a pessoa do vício e revelando a ela a alegria de caminhar na dependência do Senhor com pureza, transparência e amor. A autora é esposa de pastor, mestre em aconselhamento bíblico, capelã hospitalar e presidente da ACEH – Associação de Capelania Evangélica Hospitalar.



**Una Sesión con Jesús:
Técnicas del Mejor
Terapeuta**

Mario Pereyra
Aces, 2022, 136 p.

Jesus veio anunciar as “boas-novas” e curar os “quebrantados de coração”, ou seja, aqueles que sofriam com distúrbios físicos, psicológicos e emocionais, para que pudessem encontrar plenitude e satisfação. Na psicoterapia, costumamos identificar três níveis: o teórico, o estratégico e o das intervenções específicas. Este livro explora esses três aspectos (a cosmovisão de Jesus, Suas estratégias e as intervenções que realizava), apresentando Jesus como o maior psicoterapeuta de todos os tempos.

**Eric Richter**

editor associado da
revista *Ministério*,
edição em espanhol

VENHAM REPOUSAR

Jesus havia passado bastante tempo ensinando e capacitando Seus doze discípulos. Juntos, eles haviam percorrido diferentes lugares, enquanto Ele pregava, ensinava e curava os enfermos. Mas agora era tempo de passar para o próximo nível: os discípulos deveriam pregar, ensinar e curar por si mesmos. Por esse motivo, Jesus “chamou os doze e passou a enviá-los de dois em dois” (Mc 6:7).

Os discípulos tiveram muito êxito em sua missão. Eles saíram e “pregaram ao povo que se arrependesse. Expulsavam muitos demônios e curavam numerosos enfermos, unguindo-os com óleo” (v. 12, 13). Após concluírem o evangelismo, voltaram para onde Jesus estava, mas não foram sozinhos: uma “grande multidão” os seguia para conhecer o Mestre de Nazaré (v. 34). “Muitos correram para lá, a pé, de todas as cidades” e eram tantos “os que iam e vinham” que Jesus e Seus discípulos “não tinham tempo nem para comer (v. 33, 31).

O que fazer em uma situação dessas? Provavelmente, qualquer evangelista pensasse que seria o momento ideal para ganhar o interesse das pessoas e convertê-las para o reino de Deus. No entanto, a reação de Jesus foi diferente. Ele reuniu Seus

discípulos e disse-lhes: “Venham repousar um pouco, à parte, num lugar deserto” (v. 31). Naquele momento de atividade intensa e com muita gente para atender, Jesus priorizou a saúde e o descanso. Cristo viu que “eles haviam posto todo o coração no trabalho em favor do povo, e isso estava esgotando as energias físicas e mentais deles. Precisavam descansar” (Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* [CPB, 2021], p. 283).

Que tipo de experiências tiveram os discípulos ao cumprir a missão que Jesus lhes havia confiado? Eles “passaram pela prova da luta e enfrentaram oposição em suas várias formas. Até então, haviam consultado a Cristo em tudo; no entanto, ficaram sozinhos por algum tempo e, muitas vezes, preocupados quanto ao que deviam fazer. Tinham recebido bastante incentivo em sua obra, pois Cristo não os enviara sem Seu Espírito, e realizavam muitos milagres pela fé Nele. Mas agora precisavam se alimentar do Pão da Vida. Precisavam se retirar para um lugar solitário, onde pudessem estar em comunhão com Jesus e receber instruções quanto à sua obra futura” (ibid., p. 282, 283).

Os discípulos haviam trabalhado fielmente para cumprir a missão.

Como em todo ministério, passaram por altos e baixos. Tiveram momentos de “estímulo em seu trabalho”: viram corações convertidos, corpos curados e almas libertas pelo poder de Deus. Mas também enfrentaram conflitos, oposição e, em certas ocasiões, tinham estado muito angustiados quanto ao que fazer. Seu esforço altruísta havia produzido muito fruto, mas também os havia esgotado física e mentalmente. Portanto, Jesus os levou para um lugar em que pudessem descansar.

Da mesma forma, o ministério atualmente passa por altos e baixos. O serviço abnegado produz frutos, mas também esgota a saúde física e mental dos obreiros. Nessa situação, precisamos saber que “Cristo é cheio de ternura e compaixão para com todos os que estão em Seu serviço. Queria mostrar aos discípulos que Deus não exige sacrifício, mas misericórdia” (ibid., p. 283). Se hoje você se encontra em uma situação de estresse, ansiedade ou Síndrome de Burnout, escute o chamado de Jesus: “Venha repousar um pouco, à parte, num lugar deserto, e descanse em Mim.” ■



**O serviço
abnegado
produz frutos,
mas também
esgota a saúde
física e mental
dos obreiros.**









 /cpbeditora
 CPB.COM.BR



Baixe o
aplicativo CPB



WHATSAPP 
15 98100-5073



EM QUALQUER LUGAR,
sua editora perto de você!

MKT CPB | Alexandre Rocha

LIGUE GRÁTIS
0800-9790606
 de telefone fixo ou celular



Encontre a
CPB LIVRARIA
 mais próxima.

